

A 8 de dezembro de 1978, quando Guarulhos comemorava 418 anos de sua fundação, um novo acontecimento movimentou todos os círculos sociais guarulhenses: a fundação da Academia Guarulhense de Letras.

Os nomes expressivos das letras locais não se negaram a participar da nova entidade e, assim, integraram o primeiro corpo de imortais os escritores Adolfo Vasconcelos Noronha, Aristides Castelo Hanssen, Monsenhor Geraldo Penteado de Queiroz, Flavio Cleto Giovanni Trombetti, Gasparino José Romão, Hildebrando de Arruda Cotrim, João Rinali, Irineu de Castro Andrade, José Maurício Vieira, Milton Luiz Ziller, Oscar Gonçalves, Norlandio Meirelles de Almeida, Silvio Ourique Fragoso, Néfi Tales, Laerte Romualdo de Souza e Onofre Leite.

Hoje, contando já dezenove anos da fundação, a nossa Academia conta com um acervo considerável de obras publicadas.

Parabéns, Guarulhos; parabéns, Academia Guarulhense de Letras!

JOÃO  
SCORTECCI  
EDITORA

FRAGMENTOS LITERÁRIOS VI - ACADEMIA GUARULHENSE DE LETRAS

# FRAGMENTOS LITERÁRIOS VI

Academia Guarulhense de Letras



E aqueles que aqui plantaram a sua semente, e gostaram desta terra, encontraram a recompensa pelo seu esforço, ou enriquecendo-se, ou recebendo o reconhecimento deste povo com o respeito que o mesmo sempre dedicou aos que lhe foram amigos.

E os homens públicos, os capitães de indústrias, os comerciantes, os profissionais liberais e os trabalhadores em geral, jamais abandonaram a luta aqui iniciada, pois sempre encontraram o prêmio do seu labor.

Creemos haver logrado algumas revelações históricas, uma delas de valor transcendente à vida pregressa de Guarulhos: a descoberta do local em que se assentava a casa-sede das terras de Amador Bueno, o Aclamado.

Por tudo isso, o interesse pela história da cidade ultrapassa, em muito, aos seus limites.

Nenhum elogio maior poderiam ter conferido a Guarulhos, nem mais justo, do que o feito por Affonso de E. Taunay, ao outorgar-lhe a divisa "VERE PAULISTA SANGUIS MEUS". Berço de muitos bandeirantes, edificada pelo suor e sangue daqueles gigantes, a povoação guarulhense não poderia ter melhor divisa.

Que maior elogio, pois, se poderia fazer a Guarulhos, quando se diz que o seu sangue é genuinamente paulista?

**Adolfo Vasconcelos Noronha**

(transcrito do livro  
*Guarulhos, Cidade Símbolo*)

Academia Guarulhense de Letras

# FRAGMENTOS LITERÁRIOS VI

JOÃO  
**SCORTECCI**  
EDITORA  
1997



JOÃO  
**SCORTECCI**  
EDITORA

Caixa Postal 11481 - São Paulo - SP - CEP 05422-970  
Tels.: (011) 210 1179/210 6501 - Fax: (011) 815 6996

JS 2440 - Dezembro de 1997 - 1ª edição  
Copyright - Academia Guarulhense de Letras

## ALGUMAS PALAVRAS

Mais um livro, mais um aniversário!

A nossa Academia está completando dezenove anos e, nesse correr de dias, alguma coisa tem se renovado nela.

Lembro-me ainda de quando iniciamos a luta, em busca do desenvolvimento da cultura da nossa cidade.

Ficamos alojados numa sala de entrada da Biblioteca Municipal que, por deferência do então e hoje novamente Prefeito Néfi Tales, nos fora cedida e onde permanecemos por alguns anos até que mudamos para a atual sede junto ao Largo de Vila Galvão.

Pois bem. Nesse período de quase duas décadas participamos de todos os eventos culturais da cidade e alguns livros por nós publicados vieram enriquecer a literatura pátria. *Amostragem Literária, Contos e Encontros* e uma série de antologias, com o título de *Fragmentos Literários*, já no sexto volume, têm marcado, ano a ano, o aniversário do Sodalício, coincidente com a data natalícia da cidade.

Além dessas publicações específicas da Academia, os acadêmicos, ampliando o acervo das suas obras, têm brindado os apreciadores da boa leitura com novas e ricas publicações e podemos, com orgulho, dizer que tem sido farta a messe de novas publicações literárias que mais e mais enriquecem o nosso horizonte literário.

Assim, com a publicação de *Fragmentos Literários VI*, a Academia Guarulhense de Letras, que está marcado a sua presença nas solenidades comemorativas do 437º aniversário de Guarulhos, deixa consignada a comemoração do seu 19º aniversário com mais este presente à população da cidade.

Guarulhos, dezembro de 1997.

*Oscar Gonçalves*

## SUMÁRIO

A. Ibrahim Khouri .....	9
Bismael B. Moraes .....	19
Flávio C. G. Trombetti .....	31
Gasparino José Romão .....	41
Izabel Borazanium .....	59
João Ranali .....	67
Larte Romualdo de Souza .....	83
Mara Sueli Martins .....	99

## A. IBRAHIM KHOURI

### AVANÇO OU RETROCESSO

Sou um ser coisificado,  
resultado deste avanço vil.  
Sou uma peça, um adorno, um parafuso,  
“rês” quase sempre governada,  
mas às vezes sou autônomo e crio.

Conheço pouco do que faço,  
o gigantesco ocupa pouco espaço,  
ganha forma, corpo e, por fim,  
não reconheço a peça pronta,  
acidentalmente a gente se encontra,  
não parece ter nada de mim.

Desencantado, após o dia findo,  
frustrado pelo triste cerco,  
escondo-me atrás de um copo de cerveja  
e, aproveitando a imaginação que me festeja,  
finjo pintar no céu um dia lindo.

Pois o coisificar hostil do dia-a-dia,  
deste avanço dominador, algoz,  
tirou-me o chão dos pés,  
agora as mãos apertam botões  
despertando o animal feroz,  
sem alma, sem sonho, sem fé.

E lá está ele, na tela insensível,  
tal qual serpente, dando o bote perfeito.  
Parece errado de tão direito.  
Porém tudo faz, sem euforia,  
o maldito criador, sem emoção,  
sem mãos de graxa-carinho, sem poesia —  
é o autor da morte do artesão.

Sem defeito, num instante, a peça pronta  
— eis o trágico rebento do avanço!  
Ninguém ouve, sequer se dá conta  
que da gestação sem espera, choro, grito,  
de uma invenção decorre outra.

E no caminho escuro da tela clara  
se oculta o monstro que não pára  
percorrendo o espaço infinito,  
enquanto a tripulação da nave terra perdida  
luta por dignidade, teto, solo, comida,  
um engenho metálico, frio, sem arte  
faz-nos encontrar no árido solo de Marte.

Que aventura! Tão descabida ousadia!  
Eu, poeta, revoltado, mostro o que sinto  
neste protesto em forma de poesia.  
Percebam, senhores donos do Universo,  
com pequena conquista o povo sonha,  
a certeza em tê-la se restringe,  
esperançosos por ela morremos,  
sem ela a gente não vive... só finge.

## CERCA VIVA

Não temo o tempo. Ele passa como um rio solitário, levando folhas, galhos, mudas que sequer floriram, árvores que deram frutos.

Sigo-o na sua sinuosidade dentro da canoa dos anos. Às vezes, seguro-me nas margens do ontem.

— É um momento mágico — que guarda as travessuras do amor.

— Eterna adolescência — ligando a primavera às outras estações. Às vezes vou além, paro nas margens incertas do amanhã, na doce magia de conhecer meus outros lugares. Onde os sonhos de hoje se encontram com a realidade. Em ambas situações não preciso de olhos pra ver lá longe. Porém, quando se quebram os devaneios em que estive preso, sigo corredeira abaixo, envolvido pelo turbilhão do dia-a-dia, machucando-me nas escarpas da ansiedade, da angústia, do medo.

— Momento presente, instante de lucidez — sinto o chão e troco os olhos de sonhar pelos olhos de ver, é o meu encontro com o presente — ponto estratégico — e aí sigo, como animal selvagem, guiado pelo instinto e pelo vento, na eterna ciranda do planeta. Às vezes, fico no meio da roda do castigo, digo um verso bem bonito, jogo-o ao sabor do vento e as palavras vão escorregando da boca, num movimento bilabial, e com os versos, harmoniosamente, formo imagens, sons, e com plasticidade se misturam à poeira, com prótons, elétrons e nêutrons, e ficam circundando os meus ouvidos, provocam os meus sentidos, ficam girando, girando, gi-

rando, girando o tempo todo. Como vê, o tempo sempre me surpreende. Há momentos em que um gelo começa a rolar no pensamento, fragmentando-me, dividindo-me entre o tímido e o ousado, entre o herói e o covarde, o cuidadoso e o incauto, o feliz e o desgraçado. É momento de escassez de vida, de energia, de luz, como se o chão, as árvores, os pássaros, os carros, as casas, as pessoas, os ladrões, os policiais, enfim, tudo, como eu, ficasse dividido entre a claridade e a sombra.

Porém, quando surge um ponto verde e me enche de esperança, me dá importância, me valoriza, eu afloro a minha parte melhor.

Um ponto verde que me nota, me percebe, com um olhar maroto se esparrama pelo meu deserto, tal qual cerca viva, e num encanto de verdura modifica o mundo, fazendo-me novamente namorar a vida.

★

Vazou do olhar o que ia no pensamento,  
o grande sonho — parecia pequeno  
e será tudo que deveria ter sido,  
nada mais, nada menos.

## QUEDA TOTÊMICA

Estamos dois mil anos atrasados,  
mas ainda há tempo, é o que importa,  
basta dar um passo — abrir a porta —  
para encarar de frente a realidade.

Perdoe-me, doce amor, oh, parte cara,  
pois o credo que da verdade nos separa  
não passou sequer de um grande engenho.  
Em tudo, nada vi que se consagre,  
apenas fez-me sentir um derrotado  
— o perdedor desta vida que eu tenho —  
à espera da sorte ou do milagre.

Descubro dentro de mim um melhor fado,  
que não faz da mentira uma verdade  
e desmitifica o além que foi criado.  
Chega de “moral” que separa o bem do mal,  
criando um “céu” e um “inferno”.  
Há quanto, fomos enganados,  
e é bom que do engodo se dê cabo,  
pois o homem que é o centro do Universo  
está à mercê de Deus ou do Diabo.

## REENCONTRO SOLITÁRIO

Olho o mesmo pendido espelho  
onde incerta imagem se reflete  
e num instante doentio  
me revela ser eu.

Diz-me que o tempo é outro.  
“Mas cadê meu rosto de ontem?”,  
eu pergunto.

Atrás da imagem que aparece — silenciosamente  
— responde-me o espelho e concluí:  
foi lá que se escondeu.

— Quer dizer que me gastei  
esses anos por tão alto preço!

Olho um rosto e sequer me reconheço  
e o tempo não me restitui o que é meu!

E você, maldito espelho, diz que  
estou melhor assim,  
com este rosto traçado que me deu!

## DOCE VENENO

Este amor, há tanto tempo proibido,  
pingou em meus lábios em conta-gotas,  
num beijo que roubei de sua boca,  
na certeza de acender sua libido.

Assim perdemos, nós dois, a inocência,  
e você perderá novamente a virgindade,  
não seremos mais um na sociedade  
tentando salvar as aparências.

Pois na certeza de provocar sua libido,  
num beijo que roubei da sua boca,  
pinga nos meus lábios em conta-gotas  
este amor há tanto tempo proibido.

## SONHO

Ah! Este fogo do seu olhar que me aquece!  
Que percebo a distância, que incendeia,  
e tanto tento evitar, mas não consigo,  
tento fingir não ver — é tudo em vão.  
Sinto que vou cometer doce pecado  
no delírio, seu corpo sobre o meu incendiado,  
e fogo com fogo que se alastra,  
fogo que consome, que não gasta.  
Língua de chama, labareda que suplica.  
Envolta neste fogo em chama, você chama,  
envolto em você finda a tarde,  
tento salvá-la, meu corpo queima,  
com vontade de você meu corpo arde.  
E assim, de gozo em gozo, o desejo se enxágua,  
nos queimamos, nós dois, sobre a cama,  
e nos molhamos no fogo, cuja chama  
se apaga com amor e não com água.

## SEDUÇÃO

Ah, da juventude a sexualidade,  
audácia, ousadia, furor!  
Inundando-me até a fase madura.  
Sou ainda o homem da caverna,  
“o eterno macho possuidor”  
em busca do que me encante.  
Deixo a alcatéia e sigo à procura  
da fêmea desejosa e relutante  
— belo e selvagem animal do amor.

O olhar, o cheiro — uma pista —,  
não se fala em virtude ou moral,  
tudo vale na conquista,  
aí rola aquela atração de pele,  
a respiração se torna ofegante,  
o perfume do triângulo majestoso  
faz-me beber sua saliva,  
e para que o amor sobreviva  
sinto na minha boca o seu gozo.  
O mútuo desejo é notório,  
pois com os pêlos úmidos da vagina,  
com gosto de amor e urina,  
faz do meu corpo seu território.

## BISMAEL B. MORAES

### NATUREZA, HOMEM E JUSTIÇA

Um sério jornalista observou, em trabalho recente, que, por toda parte, têm ocorrido mudanças no *comunismo*, mas não se tem notícia, ainda e com igual intensidade, de mudanças no *capitalismo*, de forma a não permitir que as pessoas sejam tratadas apenas como números e se transformem, por suas carências e por mecanismos vários, em meras cifras.

Este assunto, embora de profundidade filosófica, pode levar a uma rápida reflexão sobre a queda de ideologias sedimentadas, bitoladas e condicionadoras de muitos seres “pensantes”.

Destroem-se muros, descerram-se cortinas, demolem-se monumentos, derrubam-se estátuas e desfazem-se mitos, quando novas verdades ou até novas promessas se apresentam. Isso porque a *evolução*, para os homens, pelo amor ou pela dor, é uma *lei natural*. Todos evoluem, mesmo que, em alguns casos, de maneira imperceptível.

De modo rudimentar, sem muito esforço mental, verifica-se que, na ordem das coisas do Universo (e, em particular, da Terra), a *Natureza* vem em primeiro lugar (e, nela, os seres), vindo em seguida, ainda por força de *leis naturais*, a necessidade do *trabalho* — do inseto, do quadrúpede, do homem, de todos os seres, enfim — para a sobrevivência.

E, em síntese, *lei natural* é aquela que decorre da essência das coisas; é perfeita e imutável, como emanção da própria *Natureza*; nenhum legislador terreno a promulga, impõe ou revoga; ela existe independentemente da vontade do homem, pois ele mesmo é também um produto dessa lei. Tudo o que existe na Terra e que está além das potencialidades dos seres, como realidades que não dependem do homem (tais como, por exemplo, os atos de germinar, nascer, respirar, dormir, reproduzir, florir, crescer, pensar, morrer, chover, fazer sol, escurecer etc.), rege-se por *leis da Natureza*.

Na Terra, pelo que mais amiúde se conhece, há três formas de "ditadura": *da força, do capital e da ignorância manipulada*. Entretanto, todas elas, aos poucos, irão desaparecendo, em razão das descobertas do próprio homem, porque é ele, como ser pensante — e não os sistemas inventados —, o que conta, afinal, na eterna *dialética da evolução*.

Voltando-se à origem de tudo, descobre-se que o *homem* e o seu *trabalho* são, efetivamente, *criações de leis naturais*. A *moeda*, porém, foi uma *criação do homem*, ainda que sob argumentação de facilitar o sistema de troca, mas, na verdade e em grande parte, propiciando o aumento da ganância e do egoísmo de muitos indivíduos, os quais, a partir de certo instante, não mais quiseram colocar-se como integrantes da sociedade em geral. E chegou-se ao conceito de *capital*; daí, à doutrina do *capitalismo*, com as mais variadas teorias.

Mas o *capital*, mesmo não tendo nascido de uma *lei natural*, de vez que é *invenção do homem*,

levou os que se enriqueceram com o trabalho de muitos e da *Natureza* (e não há registro de riqueza, em qualquer manual de economia, que não tenha sido acumulada em razão do trabalho de muitos indivíduos e/ou das benesses da *Natureza*) a arquitetarem, ideologicamente, a fórmula de síntese do progresso assim: *Natureza, trabalho e capital*.

Entretanto, sob os alicerces da lógica, será correto raciocinar que dois *elementos naturais* — a *Natureza* (origem de tudo e do próprio homem) e o *trabalho* (transformador de tudo e criador de bens) — sejam colocados em pé de igualdade com uma invenção do homem — o *capital*?

Se o *comunismo* não serve, porque, contrariando *leis da Natureza*, propõe *igualdade entre desiguais*, o que pensar do *capitalismo*, que permite ao mais forte economicamente (país ou indivíduo) pisar sobre o mais fraco? Isso também não contraria uma *lei natural*, que é a *lei de sociedade*, uma vez que o homem não pode viver e progredir fora do *núcleo social* e sem o auxílio de seus demais membros?

Sensibilizando-se pelos mais fracos, que são a maioria, o indivíduo é rotulado de *comunista* ou *esquerdista*; defendendo as facilidades proporcionadas pelo dinheiro, que se acha nas mãos de poucos, é apontado como tendente ao *capitalismo*, ou *direitista*; demonstrando constrangimento diante dos que sofrem carências, mas, ao mesmo tempo, simpatizando com os que fizeram grandes fortunas, dividindo-se entre uns e outros, é chamado de *centrista* ou *comodista*... Então, pergunta-se: será que

o homem, obra perfeita da Natureza ou, para os mais espiritualizados, criação maior de Deus, está à altura de suas potencialidades de ser pensante, quando se mantém nessa gangorra? Bitolar-se ideologicamente é crescer e conscientizar-se?

Parece, salvo melhor juízo, que, independentemente de sua origem histórica na política, *esquerda, direita e centro* são, de certo tempo a esta parte, espécies de carimbos de quem, não tendo descoberto ainda a verdadeira finalidade do ser pensante, por ignorância, conveniência ou ganância, não alcançou o excelso significado da palavra *justiça*.

Já não é chegado o momento de se repensar, e mesmo reestudar, de modo efetivo e mais profundo, o que seja *justiça*, em todas as suas formas, uma vez que é vocábulo de fácil assimilação e de incommensurável abrangência, podendo propiciar o equilíbrio que a todos sirva?

Fora da sociedade (e, portanto, de tudo que interessa à sua manutenção), nada existirá: nem esquerda, nem direita, nem centro; nem pobres, nem ricos, nem híbridos sociais. E como cada indivíduo tem sensibilidade suficiente para saber o que é *injusto*, deve a *justiça*, assim, ser buscada, sem rótulos ou convenções, a qualquer custo, para o bem de todos, porque não parece *justo* que os benefícios sociais sejam apenas de uns poucos!

## UM PENSAMENTO

Não basta encher o templo de fiéis obcecados e anestesiados, porque, para Deus, vale mais encher os corações de bondade, os estômagos de comida e as mentes de conhecimento, esvaziando-se os espíritos de absurdos preconceitos!

## UM SANTO

Era só um homem sem religião.  
Xingado de herege, nem era abalado.  
Jamais decorou sequer uma oração.  
Falácia de hipócrita, ouvia calado.  
Mas em todo ser sempre via um irmão.  
Ele era um santo não canonizado!  
Desde muito cedo, sabia pensar.

## UMA REVOLTA

Se o sorriso de tristeza,  
que dá realce à beleza,  
também se presta à mentira,  
a boca, um instrumento  
de prazer e sofrimento,  
não pode espalhar a ira?

Então, eu vou me vingar  
de quem primeiro chegar  
a me estender a mão...  
Na angústia, eu quero paz,  
e mal a quem bem me faz...  
Que se dane o coração!

Mas o que esperar da vida,  
quem, na hora da partida,  
paga o amor com a dor?  
E como olhar-se no espelho  
e, vendo os olhos vermelhos,  
não sentir o próprio horror?

## UM RETRATO

Mulher e menina de sorriso triste,  
Serenos riachos de margens sutis,  
Raio ofuscante a que não se resiste,  
Cerne dos problemas de todo aprendiz,  
Anjo indefeso que no amor persiste,  
Alma dividida, sonha ser feliz.

## UMAS QUADRINHAS

Depois da grande explosão,  
viajei mil anos-luz.  
Fui dotado de razão.  
Sei carregar minha cruz.

Ouvir um não ou um sim,  
acho coisa natural.  
A vida mostrou a mim  
lições no bem e no mal.

Sou partícula do todo,  
filho de um ato de amor.  
Não me apraz o engodo.  
Sou sincero até na dor.

## MIL PERDÕES

Por entender não ser ético  
fazer um verso hermético  
para falar desse amor...,  
desnudei meu sentimento,  
trouxe a você meu lamento,  
não escondi minha dor.  
Não me apraz falsidade.  
Prefiro a crua verdade  
ao risco da ilusão...  
E seria um contra-senso,  
se meu querer, tão intenso,  
mentisse à própria razão!  
Espero que seu sorriso,  
armadilha e paraíso,  
não lhe confunda o ser,  
e a maldade, que lhe sobra,  
qual um veneno de cobra,  
não destrua o seu viver!  
Mas, desta vida, o que sei?  
Será que jamais errei?  
Que exemplos tenho eu?  
Por que toda esta revolta,  
se eu quero é sua volta?  
Mil perdões! Você venceu!

## DIVAGAÇÕES SOBRE O SOFRIMENTO

Após uma grande desilusão, pensando-se injustiçado, alguém procurou fugir do mundo de relações mais próximas. Imaginou que, assim, distanciando-se dos demais, o problema desapareceria e o esquecimento seria mais rápido. As mágoas se dissipariam e a vida seria a mesma, apagando-se o registro negativo, como se a mente fosse um computador. De nada lhe valeu a fuga. Até que ponto o indivíduo conhece a si mesmo, no bem e no mal?

Independentemente das crenças, dos costumes e dos padrões educacionais, o ser humano acha-se em constante aprendizado. Por vezes, nem descobre quando a lição está sendo ministrada. Nem sabe que o sofrimento — físico ou moral — é uma forma de aprendizado posto pela Providência Divina à sua disposição. Mas essa descoberta virá, com o tempo.

E não se trata de consolo baseado em dogmas, numa esperança incerta, mas com base sustentável em grandes pensadores, filósofos de escol, cujas idéias não se condicionam ao tempo e ao espaço. São luzes de conhecimento que, sem cessar, se transportam para todos os cantos do Universo. E o ser humano, embora imperfeito e cheio de vícios, é parcela desse todo.

Uma decepção, uma traição, uma ingratidão, uma doença, um acidente, um desgosto, uma perda brusca — tudo, enfim — são testes para saber se sua mente e seu coração estão alertas. O preconceito, a vaidade, o orgulho e o egoísmo se instalam

com grande facilidade no íntimo dos seres humanos despreocupados com a sua condição de integrantes do mundo circundante.

Desse modo, fechar os olhos e os ouvidos às aflições, dar de ombros aos problemas, sem absorver de todos eles lições essenciais ao progresso individual, é demonstrar despreparo para a vida, que não se resume num breve espaço temporal. Para onde for o ermitão, consigo levará as suas verdades e as suas mazelas. Não se revoga lei natural. Ela se acha no livro da consciência de cada um.

Ninguém sofre sem merecer. Basta analisar o seu comportamento presente e progresso à luz das leis da Natureza, e descobrirá isso logo, logo. Apon-tar o outro como responsável, num primeiro instante, é muito cômodo. Como pretender que leis divinas sejam revogadas e se condicionem às imperfeições do ser humano? Sua fuga ou revolta de nada valerão. Ninguém foge da própria consciência. Se cada um descobrir as suas falhas e procurar evitá-las, a justiça, a verdade e o amor talvez se tornem mais fáceis de alcançar, e — quem sabe? — a própria felicidade!

# FLÁVIO C. G. TROMBETTI

## DO CONGRESSO DO PANAMÁ À CONFERÊNCIA DE CARACAS (continuação)

### VI - A Conjura Mineira

José Joaquim de Maia faleceu antes de voltar à pátria. Os demais, regressando, iniciaram a propaganda de idéias.

Dentre os que se entusiasmaram pela causa e se salientaram pela sua atuação, figura o alferes Joaquim José da Silva Xavier, alcunhado de "Tiradentes", porque na mocidade se dedicara à profissão de dentista.

### VII - *Libertas Quae Será Tamen*

A propaganda logo conseguiu muitos adeptos, entre os homens mais ilustrados e doutos da então capitania de Minas Gerais. Faltava para coordenar o movimento, que era puramente idealista, um espírito prático e mesmo um grande chefe militar, elementos que surgem em primeiro plano, em todos os movimentos revolucionários que lideraram a independência das colônias espanholas.

O lema adotado pelo movimento era "*Libertas Quae Sera Tamen*" — Liberdade ainda que tarde. A bandeira da república a ser fundada seria um triângulo, em honra da Santíssima Trindade.

O pretexto para a eclosão do movimento seria a "derrama", exigência do imposto da metrópole e que gravava o ouro extraído.

### VIII - A justiça e os conspiradores

O movimento revolucionário, porém, foi delatado ao governador de Minas Gerais. Presos os denunciados, foi iniciada a devassa e, depois, foram encaminhados ao Rio de Janeiro.

Foram todos os conspiradores condenados à morte, porém a sentença foi comutada por ordem de D. Maria I, rainha de Portugal. Por decreto régio, as penas capitais foram comutadas pela de degredo, sendo apenas executado Tiradentes, que deveria ser morto "pelo honroso crime de rebelião e alta traição de que se constituiu chefe e cabeça na capitania de Minas Gerais".

Executado em 21 de abril de 1792, Tiradentes morreu enforcado. Foi, em seguida, esquartejado e decapitado. O escrivão da alçada, com o sangue do mártir, escreveu a certidão do suplício. A cabeça do herói foi enviada para Vila Rica e os pedaços do corpo, salgados, enviados para os lugares onde se dedicara à propaganda das idéias revolucionárias.

A casa onde residia foi arrasada e seus descendentes declarados infames.

O malogro do movimento deve-se, como já foi acentuado, à falta de chefe militar que coordenasse e concatenasse os planos.

### IX - Características dos sistemas de colonização espanhol e português

Não se pode falar em diferenciação profunda entre os sistemas adotados pela Espanha ou por Portugal na colonização das novas terras.

Deve-se notar, no entanto, que os portugueses, mais afeiçoados à vida marítima e às navegações, mantiveram-se no litoral, pouco se interessando pela conquista do interior. O sertão foi conquistado pelo bandeirante, filho do colono nascido na América.

Os espanhóis mantinham bases litorâneas e se embrenhavam pelo interior das terras conquistadas, instalando grandes cidades e capitais, nos pontos mais centrais das novas possessões.

O sistema português assegurou à nova colônia uma unidade, o mar era o veículo de ligação. Essa a razão por que conseguiu cristalizar num único governo a administração colonial.

Os espanhóis, devido às diferentes posições geográficas de suas colônias, situadas em mares diferentes e muitas vezes separadas por obstáculos de difícil transposição, mantiveram diversos governos, diversas administrações, o que determinou a formação de culturas diferenciadas.

Quanto às relações entre as colônias portuguesas e espanholas, é de se observar que eram escassas. Dois fatores colaboraram para tanto:

- 1º) a rivalidade de origem ibérica;
- 2º) as proibições impostas pelos monopólios comerciais.

## X - Movimentos precursores da independência nas colônias espanholas

“Había de llejar, por fin, el dia que no fuese un crimen el sentimiento tierno y sublime de amor a la patria”, escreveu o historiador argentino Gregorio Funes, à guisa de prefácio, em seu *Ensayo de La Historia Civil de Buenos Aires, Tucumán y Paraguay*. Esse dia, porém, custaria enormes sacrifícios e lutas ingentes às nacionalidades que almejavam a independência.

O México surge como um dos países em que o martirólogo das lutas pela libertação conta com diversos heróis. Assim, em 1810, Manoel Hidalgo, vigário da aldeia de Dolores, empunhando a bandeira de Nossa Senhora de Guadalupe, encabeçou um movimento conhecido como “Grito de Dolores”, proclamando a separação. Vencido pela tropas espanholas, procurou refúgio nos Estados Unidos. Aprisionado com alguns patriotas, foi fuzilado em Chihuahua.

Dez anos após, o padre José Maria Morelos inicia nova tentativa. Derrotado pelo general Iturbide, teve o mesmo fim que Hidalgo.

Houve, ainda, outros levantes, como o de Javier de Minas, todos porém malogrados.

Em 1821, o movimento chefiado pelo general Agostinho Iturbide triunfou. Note-se que Iturbide era crioulo. Fundou o Império do México mediante a aprovação de um congresso. Em 21 de julho de 1822, era coroado imperador do México, com o título de Agostinho I. Passado um ano, foi destronado e banido.

Os mexicanos proclamaram, em seguida, a república, sendo seu primeiro presidente Guadalupe Varanda, que governou até 1829.

## XI - A América Central

Na América Central, a primeira colônia a se revoltar contra a Espanha foi a antiga capitania de Guatemala, que logo se incorporou ao México. Em 1823, reunindo-se às demais colônias, formou a Confederação das Províncias Unidas da América Central, que não teve grande duração. Fragmentando-se a união, deu origem a cinco repúblicas: Guatemala, Honduras, Nicarágua, El Salvador e Costa Rica.

Quanto às grandes Antilhas, pertenciam à Espanha: Cuba, Porto Rico e parte do Haiti. Jamaica era possessão inglesa e a outra parte da ilha de Haiti era colonizada por franceses. Em 1795, os escravos negros de Haiti, chefiados por Toussaint Louverture, expulsaram os franceses e proclamaram a república. Preso e morto Toussaint, sucedeu-

se uma série de lutas. Só em 1825 é que a França reconheceu a república do Haiti.

A outra parte da ilha, libertando-se da Espanha, constituiu a República Dominicana.

Cuba libertou-se muito mais tarde, com o auxílio dos Estados Unidos.

## XII - A América do Sul

Chegamos, assim, à América do Sul, onde os movimentos libertários, quer pelos homens que os lideraram, quer pelo caráter épico e grandioso das campanhas, quer pelas idéias que os determinaram, constituem, sem dúvida, ao lado da Revolução Francesa, um dos mais gloriosos e belos feitos da História.

Isto, sem querer desmerecer ou menosprezar o idealismo e o sacrifício de tantos outros heróis do continente, sacrificados na luta incessante pela libertação.

A História não olvidou o nome de nenhum desses heróis que escreveram com seu sangue a vitória da independência. Todos ele foram consagrados e vivem no coração dos filhos das nações que fundaram.

A vida dos patriotas sul-americanos está toda impregnada do mais puro idealismo libertário e a luta pela libertação assume aspecto heróico, sempre inspirada por uma só idéia, a de Pátria e Liberdade.

Martí, o grande poeta e herói da libertação cubana, deixou versos que refletem todo o idealismo que incendiava a alma dos patriotas:

Yo quiero quando me muera,  
Sin patria, pero sin amo,  
Sobre mi sepultura un ramo  
De flores y una bandera.

## XIII - Características dos movimentos da independência na América Latina

A praça, a praça é do povo!  
Como o céu é do condor!

Irmãos da terra da América,  
Filhos do solo da cruz,  
Erguei as fontes altivas,  
Bebei torrentes de luz!  
Ó soberba populaça,  
Rebento de velha raça,  
Dos nossos velhos Catões,  
Lançai um protesto, ó Povo,  
Protesto que o mundo novo,  
Manda aos tronos e às Nações.

*Castro Alves in "O Povo no Poder"*

Cumpramos observar que, na independência das colônias situadas na América do Sul, alguns fatores se tornam característicos:

1º) a eclosão dos movimentos da independência deu-se nos fins do século XVIII, quase concomitantemente;

2º) a influência das idéias libertárias dos filósofos da Revolução Francesa;

3º) o aparecimento de sociedades literárias e associações secretas;

4º) o exemplo das colônias inglesas que, independentes, se organizaram na república dos Estados Unidos. Note-se, além disso, as tentativas dos movimentos sul-americanos em contar com o apoio da república do norte;

5º) a influência religiosa, quer nos princípios fundamentais, quer inspirando os líderes, como no caso dos incondentes brasileiros e mexicanos, quer participando ativamente das campanhas;

6º) a participação do branco, crioulo ou mameluco, do índio, do negro e do mestiço nas lutas, manifestando a existência de uma consciência nacional;

7º) a abolição do trabalho escravo e a proibição do tráfico negreiro;

8º) o encontro, no teatro da batalha, das três raças que formam a unidade étnica dos povos sul-americanos: o branco, o índio e o negro. Além disso, deve-se ressaltar a bravura sem par em que se houveram, ombro a ombro, durante as campanhas, não medindo sacrifícios, suportando as maiores dificuldades com estoicismo e desprendimento, mais parecendo um exército de veteranos napoleônicos que tropas irregulares, bisonhas, pobremente equipadas e sem munição de boca.

Por outro lado, cumpre não esquecer que a luta pela independência foi dirigida contra metrópoles européias e tem "misticismo *americano*, se-

não *indianófilo*", como bem disse Afrânio Peixoto. São movimentos que refletem a repulsa ao elemento alienígena, essencialmente mestiços, do campo contra a cidade e da barbárie contra a cultura.

Os mamelucos, descendentes do colono com o índio, foram mais cruéis com os índios que os europeus; os mulatos tornaram-se feitores de escravos e foram mais duros com o negro do que o branco.

O mestiço sempre foi perseguido pelo branco. De acordo com a lei espanhola, o mulato era infame de direito. Não tinham direito a emprego público. Embora a lei não os impedisse, não eram admitidos nas ordens religiosas.

Os portugueses foram mais tolerantes e benignos, superando os conflitos étnicos. No entanto, observam-se detalhes que implicam em afirmar que essa tolerância não foi total. Segundo Capistrano, o hábito das famílias brasileiras de dar um filho ao sacerdócio tem origem no fato de as ordens religiosas não aceitarem mestiços em suas congregações. Assim, as famílias obtinham um verdadeiro atestado de limpeza de sangue...

Além disso, há aspectos que dão intenso colorido a essas lutas, quando, após a independência, as nacionalidades buscaram uma orientação para estruturar sua base política e cultural. É o que descreveu o grande Sarmiento, em seu magistral *Facundo*, quando afirma que o caudilhismo sul-americano é a reação do campo contra a cidade, o conflito da barbárie contra a civilização.

Analisando a série de revoluções que se sucederam nas repúblicas latino-americanas, encontra-se, no substrato desses movimentos, o indianismo, ou melhor, o indianófilo, o mestiço que busca se realizar...

## GASPARINO JOSÉ ROMÃO

### CASTELO HANSEN E O SEU UNIVERSO

Recebi um punhado de poesias para apreciar e expender sobre elas o meu ponto de vista.

A princípio pensei até fácil a missão, pois gostar de poesia é o meu fraco, a minha principal afeição. Entretanto, procurando saber-lhes o autor, fiquei um pouco preocupado: as poesias são do Castelo Hanssen, e o que o Castelo escreve precisa ser lido e olhado com muita atenção, muito cuidado.

O Castelo é um sarcasta da própria vida, impertérrito apreciador dos atos dos semelhantes, e jamais se o viu temeroso ante qualquer ameaça, não sendo do seu feitio voltar atrás nas suas opiniões ou seus conceitos, e, dono de suas vontades, jamais se curva às objeções dos outros:

*Querem que eu seja um homem de gravata,  
um cidadão, senhor e coisa e tal.  
Mas eu quero ser eu, uma pessoa,  
um ser vivente, uma vidinha à-toa  
ter sangue e coração, ser animal.*

É um crítico mordaz da própria vida e vive a impetigar com os que fazem coro aos poderosos, aos quais ele não se curva, por entendê-los fátuos e fú-

teis, que se engrandecem pelo que têm, não pelo que realmente são.

Pois bem. As poesias do Castelo estão aí para serem apreciadas e analisadas.

Eu, que sempre pautei o meu gosto pela sublime arte, nela me embebi e, cheio de encanto, procurei nas suas belezas a própria beleza da vida. Não tenho tido muita afeição por esta poesia contestatória dos dias de hoje que expressa, mais que o sentimento da alma extasiada, a revolta pelas desigualdades sociais.

A poesia vem deixando o seu lado lírico, mais sentimentalista, expressão dos estados sensitivos, para se tornar em mais um veículo de explosão de sentimentos de revolta, adotando uma filosofia de não-concordância, de contestação, e uma forma de externar até mesmo dores impossíveis e incompreendidas ou estados de alma por dificuldades da vida:

*Queria voar. Fez versos condoreiros  
dilacerou janeiros, deu seu grito,  
fitou montanhas, encetou caminhos,  
namorou o infinito.  
Mas tinha os pés presos no chão da vida,  
no preço do aluguel,  
da roupa, da comida,  
da disputa, da luta, da competição,  
do patrão, do cartão, do saldo médio.*

Pois o Castelo adotou como estilo a poesia contestatória e, mais do que isso, vem criando um estilo tão característico, que quem o lê, carrega a

impressão de estar ouvindo os seus próprios lamentos na expressão viva dos seus escritos:

*Saudade, deixe eu sozinho,  
não preciso de carinho,  
eu quero é partir pra luta. Abra a porta, vá  
andando,  
suma de vez, não me amole,  
saudade filha da puta.*

O Castelo é, em tudo, um autêntico que não admite ser contestado quando expende a sua opinião sobre determinado assunto. Não contesta o contestador, mas não estabelece polêmica, calando apenas a sua voz e não se aventurando mais a opinar, como que a dizer que o assunto está encerrado. A sua risadinha fria, de peixe, desmonta o espírito mais afoito e o mais sardônico dos interlocutores.

A sua poesia é a realidade sem os arroubos dos românticos, porém, com a frieza dos céticos ou os reclamos sem o sentimentalismo dos inconformados.

Ela descreve os estados psicológicos ou físicos e procura estampar, sem rebuscos, o sentimento e contá-lo aos circunstantes.

O poeta aqui — o que se percebe na sua poesia — é um homem sofrido que não encontrou (será que um dia encontrará?) reconhecimento à sua arte.

Ele não faz conta do que escreve! Parece até que escreve somente para ele!

Na solidão própria dos grandes gênios, ele construiu o seu mundo e vive nele, no seu universo, num universo do seu tamanho:

*Eu fiz um universo do meu tamanho  
e fiquei do tamanho do universo.  
E voei, como pode voar um homem de chumbo,  
e sonhei, como pode sonhar um homem insone,  
e fui feliz, como pode ser feliz um homem só...*

Entretanto, às vezes, lança o seu grito e manda o poeta acordar do letargo em que se encontra e participar do sarau da vida ocupando o seu espaço:

*Acorda, poeta, o dia está chegando,  
é tempo de poetar, a vida está brotando,  
vem buscar o teu espaço.*

Para, mais adiante, retornar ao seu desencanto e bradar, no sem-sentido da vida, a sua revolta pelas inconseqüências da própria existência:

*Inda, com meu pranto,  
vou lavar a honra do meu desencanto,  
o tapa na cara que eu levei da vida  
quando acreditava que havia amanhã.*

Do amor fala o poeta, na timidez própria dos inseguros, e permanece à margem, como que apenas na espera; longe de enfrentar e partilhar da corrente, fica na expectativa de que algo venha a

acontecer, porém, sem qualquer iniciativa da sua parte, embora ele mesmo seja um repositório de tantas coisas a mostrar: “Quando você quiser, venha comigo. Eu tenho tantas coisas para mostrar”.

E, assim, quando a visão amada se dissipa, vai-se embora, sem que ele nem lhe saiba o nome e a idade, ele entende que “foi melhor assim”...

Na sua quietude de alma apenas conheceu a solidão, até que com ela ficou caminhando, pois queria só um pouco de ternura, um mundo só de paz...

Assim, a poesia do Castelo. Assim, o próprio Castelo Hanssen. Trancado hermeticamente nos seus conceitos e assim vivendo discriminando-se, alijado por ele próprio do concerto das multidões ou, quem sabe, insulado no universo que ele mesmo criou somente para si, a não querer partilhar com o mundo as facécias do tudo quanto extrai do seu mundo interior.

Um dia ele lançou a público o seu livro que denominou *Canção pro Sol Voltar*, em que imaginou que houvessem posto “Algemas nos braços do mundo” e que, além de tudo “fizeram um muro em torno do mundo/pro sol não chegar”. No entanto, o poeta não percebeu ainda que o sol não se deixa prender porque o sol é luz e a luz é uma única coisa que não se contamina e que se dispersa por tudo e por todos indistintamente. Talvez ela, a luz do sol, não tenha penetrado no universo em que está o poeta, por si mesmo enclausurado, e por isso ele não tenha visto mais o sol, pois, ao fazer o seu uni-

verso fechado, tenha se esquecido de nele colocar o seu sol.

Pois bem. Paremos por aqui. Não é preciso falar mais nada, nem sobre o poeta nem sobre a sua poesia.

O poeta é esse extraordinário cultor das letras, incompreendido na maior parte das vezes pela sua própria rebeldia, que vem semeando por onde passam as flores que a sua inteligência produz e, descuidadamente, deixando-as nas margens da estrada, sem ao menos ver quem as vai recolhendo.

As suas poesias, parte dessas flores, mesmo recolhidas, largam pelos caminhos o aroma que exalam impregnando o mundo em volta com a sua presença abstrata e misteriosa.

Essa obra do Castelo não poderia ficar anônima e a iniciativa de publicá-la foi inspiradora, pois virá enriquecer o universo das nossas letras poéticas, ultimamente tão envilecida por maus escritores e ainda pelas publicações alienígenas que vão tomando conta até das consciências da nossa gente.

Entretanto, para a nossa esperança, ainda existem os escritores teimosos que não desistem de continuar escrevendo e que com a sua teimosia conseguem que o mundo acorde de seu sono das miragens fantásticas do progresso devassador de segredos, que acorde ainda que tarde para as belezas também daquelas coisas que tanto no ontem nos encantaram, que nos parecem estar tão distantes, mas de que ainda se lhes escuta o rumor.

Que os poetas, como o Castelo, não entreguem ao esquecimento as suas composições e continuem

bradando para que a grande arte não fique esquecida e que, como flores perfumadas à margem da estrada, novas e novas poesias possam surgir, porque enquanto houver na terra um poeta e um cantor, uma poesia e uma canção, a terra não morrerá.

## O TACHO DA AVÓ ALIPHONSINA

*À memória de tia Olga*

Às vezes há necessidade de que se coloque para fora da gente algum sentimento, algum fato que está encarcerado no nosso íntimo, como a pedir caminho para sair.

Quantas vezes ficamos encafifados com uma idéia, um pensamento ou um sentimento qualquer que, como um malho, ficam a nos martirizar a memória todos os dias, todas as horas e todos os instantes.

Para eles só existe uma forma, um modo de se libertar, de extirpá-los da nossa memória, para que fiquemos livres e possamos partir sem o martírio para novas coisas.

Quero, da melhor forma, isento de qualquer idéia vingativa, expulsar da cadeia das minhas idéias, como a corroer as membranas do velho cérebro e a revoltear os neurônios, todas as lembranças caladas na incompreensão ou na ignorância de qualquer outrem, mas que me atingiram de alguma forma inusitada.

Quero, por isso, rebolcar o emaranhado dos meus pensamentos e arrancar deles os que me estão desestabilizando a consciência, desde o mais ínfimo ao mais elevado, pois já me sinto exausto e não posso mais suportar as mendazes situações daqueles que ainda ontem me eram lisonjeiros,louvaminhas até de pseudoqualidades que jamais possuí, mas que hoje se transferem para os campos

adversos e me acicatam na tentativa abjeta de me incapacitar.

Sou um velho homem que jamais foi apegado às coisas materiais, às quais sempre dispensou uma atenção mais que secundária. Desapegado das coisas do mundo, na minha existência pautei os meus atos pelo máximo respeito às coisas alheias, ao ponto de colocá-las, para meu respeito, bem distantes das minhas, e até a minha própria pessoa, sempre a julguei, para efeito de medida de valores, a quinta depois de ninguém.

Uma coisa, entretanto, sempre tive a máxima preocupação em preservar, colocando-a no ponto mais elevado das minhas constantes precauções: minha dignidade, meu caráter de homem honesto.

Jamais houve grande ou pequena coisa, percalço ou vantagem que me desviassem desse caminho. Por ele trilhei na minha juventude, na minha velhice, e eduquei os meus filhos.

Mas, por que essas divagações, esse desabafo? É que quero jogar para fora uma inverossímil estória que, contada, pode até parecer uma invenção de momento por tão sem fundamento e até impiedosa: *a história de um tacho velho e sem valor!*

Pois bem. Vamos escrever, contar toda a odisséia, as peripécias desse famigerado *tacho*.

Nas sociedades familiares, duas pessoas aparecem e é muito difícil ler ou ouvir algo que seja elogioso ou bom sobre elas. Pesa-lhes sempre o epíteto de más, de ruins, diabólicas, e que só pensam em fazer o mal: a sogra e a madrastra!

A sogra, via de regra, é tida como uma antítese, e a madrasta, a substituta, em sentido contrário, da mãe.

A madrasta é a segunda esposa que quase sempre cobre de castigos, até mesmo cruéis, os filhos do marido oriundos do primeiro casamento. É muito difícil ouvir qualquer referência elogiosa sobre a madrasta.

Eu, entretanto, conheço uma história, até muito sentimental e humana, sobre uma madrasta. Ouçamo-la:

*O viúvo casou-se com uma mulher, também viúva. Ele trazia dois filhos pequenos. Ela, um.*

*As crianças davam-se bem, porém, a família tinha alguma dificuldade em virtude do não elevado salário do pai que sustentava a casa, já que a mulher não trabalhava fora.*

*Como o dinheiro era curto, a mulher, quando ia ao empório fazer compras, com o troco comprava dois doces de coco e trazia-os para os três meninos.*

*Dava a cada um dos dois enteados um dos doces e não havia outro para o seu próprio filho. Dizia, entretanto, aos dois enteados: "O dinheiro que eu tinha só deu para comprar doces para vocês e não sobrou para comprar um para o irmãozinho de vocês. Cada um vai dar um pedaço do seu doce para ele". E os dois meninos partiam, cada um, o seu doce no meio e davam a metade ao filho da madrasta que, assim, comendo duas metades, comia um doce inteiro!*

*Esta foi a única madrasta boa para os enteados!*

Quanto à sogra, então, o glossário de imputações é o mais extenso.

Quando ela é mãe da mulher, ensina a esta toda a malandragem que aprendeu no curso da vida passada para que ela aplique ao marido as maldades que vem aplicando à vítima do pai!

Imaginemos agora quanta maldade armazenada, pois o que a mãe (sogra do marido) sabe e transmite à filha é a sua experiência, acumulada ao que lhe foi ensinado pela mãe dela e assim para trás... Quando ela é mãe do marido então, é aquele inferno! Eu nunca vi uma sogra amiga, que fosse querida pela nora ou vice-versa.

A velha faz toda espécie de quizila no sentido de indispor o filho com a nora. O certo, o melhor é os recém-casados fixarem residência o mais distante possível das sogras, visitando-as fortuitamente, de vez em quando, por espaços pequenos de tempos, não se separando o casal quando perto das viperinas megeras.

Entretanto, conheci uma sogra que foi muito boa, a *minha sogra!* Tudo quanto ela quisesse fazer de melhor, sempre pensava em mim!

Apesar de tudo, ela viveu mais de quarenta anos em minha casa, em minha companhia — e ao morrer deixou-me um caso de difícil solução, apesar dos meus mais de quarenta anos de profissão de advogado.

A genitora da minha sogra chamava-se *Aliphonsina*. Não era nome grego, não, apesar do *ph*. Era erro de registro. Quando ela nasceu e foram registrá-la, deram ao escrivão do registro o nome de Alfonsina e ele, naquele tempo, velha a ortografia, registrou-a como *Aliphonsina* (em vez de *al* colocou *ali*).

Pois bem. D. Aliphonsina era o símbolo da paciência e da bondade. Morreu em minha casa e sepultamo-la no túmulo da minha família (ela não deixava de ser da minha família, era avó da minha esposa).

Depois que ela morreu, um dia, a minha sogra foi até o bairro da Vila Maria em São Paulo, e, em visita às irmãs e irmãos, disseram-lhe que, como lembrança, cada um dos filhos deveria ficar e guardar um objeto de D. Aliphonsina. Para a minha sogra havia sobrado um *tacho* velho, jogado no fundo do quintal da casa da finada.

Minha sogra trouxe para a minha casa (que era a casa dela, pois ela aqui morava) o velho *tacho* que havia pertencido à mãe da mãe dela.

O *tacho* na forma original em que estava sendo trazido era uma lástima. Jogado no quintal da casa, servira anteriormente para recipiente onde davam água para as galinhas e patos que lá criavam e também para um cachorro, o Gualicho, que já havia morrido atropelado por um caminhão na rua.

A minha sogra lavou, areou o *tacho* e, como ele estava com uma das alças quebradas, mandou consertá-lo e ele, como uma relíquia, ficou guarda-

do por mais ou menos vinte anos aqui em casa, e eu nem sabia mais onde ele estava.

Um dia, um ano atrás, morreu minha sogra. Aí começou uma outra estória, a ladainha chegou às raias da alucinação pelo rumo que tomou.

Os filhos da avó Aliphonsina já morreram quase todos, só restando três filhas, todas já com mais de setenta anos.

Uma delas, a tia Olga, cismou de reivindicar o velho *tacho* e disse coisas que não se podem contar.

Veio à minha casa e falou gatos, lebres e lagartos da minha falecida sogra. Disse que ela havia “roubado” o *tacho* que era de grande valor e que agora ela, Olga, queria-o para a filha Rosinha fazer doces no restaurante que tem na Vila Maria, coisas e tais!

Para não se adiantar muito na conversa sem nexos, comprometi-me com ela a comprar um *tacho* novo para levar à Rosinha. Então, ficou mais apimentada a discussão, pois ela ficou ainda mais brava e nervosa e disse-me que eu queria era ludibriá-la e comprar um *tacho* qualquer sem valor e ficar com o outro, que era de cobre puro!

A minha filha Márcia, em tom de blague, disse a ela que não lhe iria entregar nada da minha sogra, em virtude de toda a celeuma, todo o pandemônio que ela estava criando em torno de um objeto sem importância e que nem sabíamos onde estava!

Sabem o que a velha fez? Disse que iria ao SBT e voltaria de lá com a equipe do *Aqui e Agora* e polícia para juntos vasculharem a minha casa e le-

var-nos às barras dos tribunais por causa do mal-fadado tacho velho!

O SBT é a cadeia de televisão do Silvio Santos, cujo nome certo é Señor Abravanel, e que começou a vida como camelô nas ruas de São Paulo. O *Aqui e Agora* é um programa sensacionalista, de pequenos escândalos, feito por "focas" sem expressão ou por artistas (locutores) já velhos e em decadência, como Gil Gomes, Jacinto Figueira Jr., Wagner Montes etc.

Mas a tia Olga, a quem estimamos muito, desde priscas eras, parece que estava mesmo com o diabo no couro, pois prometeu ainda que, além de tudo isso, iria procurar um pai-de-santo que ela conhecia na Praia Grande, onde tem casa, para ele dar um jeito em todos nós, ladrões de tacho e apropriadores indébitos de coisas alheias!

E então me perguntei: o que vamos nós fazer? Nem sei como era o velho tacho nem o local onde ele está agora. A minha querida sogra, a quem coube, como parte da herança da velha Aliphonsina, o tão discutido quão reivindicado tacho, já morreu e recebeu a rica "herança" há mais de vinte anos passados!

A tia Olga não quer outro tacho, um tacho novo, que me comprometi a comprar para dar-lhe e encerrar discussão, pois ela entende que o velho valeria mais e que eu a estaria enganando (hoje não se fazem mais tachos como antigamente!).

Vejam que sogra: mesmo depois de haver morrido, ainda causa transtornos. Olhem o rolo que

a minha sogra deixou-me para desenlear, em que cu de boi eu estou metido!

Um dos velhos hábitos da minha falecida sogra era ajuntar e guardar badulaques que, aos montes, lotavam o seu guarda-roupa, o seu quarto de dormir, os corredores e, enfim, todas as dependências da nossa casa.

Onde quer que ela andasse, sempre encontrava um velho traste, que trazia como lembrança. Era o passado que revivia, a cada instante, na sua memória e que insistia em martelar os seus gostos, a sua forma de encarar as coisas.

A vida da gente, prenhe de mistérios, não nos deixa esquecer o que passou e sempre está a nos pregar peças com as recordações, às vezes até fúteis, de coisas pretéritas que há muito tempo sucederam no palco da nossa existência.

A nossa memória, como um museu, insiste em armazenar as coisas antigas que, nem sempre, encontram lugar entre as de hoje.

Se se pudesse arrancar da memória de cada um as suas reminiscências, é bem possível o mundo, em toda a sua extensão, ser insuficiente para conter a carga das lembranças do que se passou.

Pois bem. A minha sogra tinha a mania de armazenar lembranças com a materialização, quando encontrava no seu caminho qualquer objeto do passado, daqueles de que hoje não se encontram mais similares. A minha casa é bem grande, mas não possui mais espaço para guardar qualquer objeto, nem velho, nem novo. É um museu!

Dia desses, entrei na lavanderia em busca de um pedaço de fio elétrico. Encontrei-o, já que ela o tinha lá guardado, mas encontrei, também, uma carrada de trastes velhos e antigos amontoados em todos os ângulos da lavanderia. Aliás, ficar guardando coisas antigas é mania de gente de idade, de gente velha.

Daqui a três meses, vou completar setenta anos. Tenho medo de, quando ficar velho, adquirir alguma mania, algum *hobby* de gente de idade, que sempre atormenta os mais novos. Sei disso porque, quando vejo uma pessoa velha, as suas idiossincrasias me deixam irritado. Por isso tenho receio de quando ficar velho aborrecer os mais novos, mas eu sei, isso ainda vai demorar um pouco!

Pois bem. A minha saudosa sogra tinha, como princípio, não jogar nada velho fora e guardar tudo quanto já não mais tivesse utilidade, embora procurássemos em nossa casa adquirir sempre as coisas atuais.

Além do tacho de cobre, veio outro tacho, um velho relógio cuco de parede, que pertencera, ao que parece, ao pai da avó Aliphonsina.

Sobre esse relógio há uma história interessante que merece ser contada. O relógio, de madeira preta, tinha a enfeitar-lhe uma águia na parte superior, também de madeira.

Pois bem, quando fizeram a "partilha" dos bens deixados pela avó Aliphonsina, caberiam à minha sogra, além do tacho já citado, mais alguns badulaques e ficou resolvido que ela levaria o relógio. Entretanto, o relógio completo, pela avaliação

que fizeram, ultrapassaria o valor da sua legítima. Então foi sugerido que ela ficasse com o relógio sem a águia e cortaram a madeira na parte superior e separaram a águia do relógio. Como ainda entendessem que o relógio funcionando valeria mais, tiraram do relógio o passarinho de madeira, que de hora em hora dizia "cuco", e uma correntinha com que se lhe davam corda!

Minha sogra, então, levou para casa dois tachos: o tacho de cobre e o outro tacho, o relógio velho, mutilado, não funcionando. Esse tacho está lá à disposição da tia Olga que, entretanto, exige o tacho de cobre que, como eu já disse, não sei onde e se ainda está em minha casa.

A tia Olga, na sua reivindicação, diz sempre que está sendo orientada por um bom advogado, com o qual gostaria de receber algumas aulas sobre direito de propriedade, pois sempre aprendi que quem herda são os descendentes e os ascendentes e a minha sogra deixou descendentes, que nada estão reclamando relativamente aos dois velhos tachos, que lhe couberam na partilha dos bens deixados por falecimento da avó Aliphonsina, sua genitora.

Em tempo: rebuscando os badulaques da minha falecida sogra, encontramos o velho tacho de cobre que, com o cuco, foi entregue à tia Olga, que os levou, ao que nos parece, para a sua casa de praia.

.....  
A tia Olga morreu também e nós lhe sentimos muito a falta, pois ela era muito achegada a todos

os parentes, e eu quero que esses relatos, essas lembranças sejam uma homenagem à memória dela que jamais será esquecida, pela amizade e carinho que sempre dispensou a todos nós.

## ISABEL BORAZANIAM

### UMA VIAGEM

Depois de um dia estafante no trabalho e de uma espera de quase uma hora no ponto do ônibus, estava exaustíssima. Subi no ônibus com uma ansiedade louca de chegar logo em casa, tomar um banho gostoso, comer uma comida feitinha na hora, arrumar meus pertences e seguir pra faculdade que me esperava com uma aula de História da Arte. Absorvida pela fome, cansaço e meus anseios e deveres, fui despertada por uma voz estridente que vinha do meu lado. Sem perceber, concentrei minha atenção para a dona da voz: uma senhora de meia-idade que falava e gesticulava.

Pouco a pouco todas as atenções estavam voltadas para ela, sendo que os mais discretos ficavam somente com as "antenas" ligadas e os olhares dirigidos para frente. Os que estavam acompanhados, conversavam através de olhares e risinhos, mas sempre atentos aos encantos oratórios da folclórica senhora. Outros, indiscretos, olhavam-na atentamente.

Soberba, ciente de que chamava a atenção, aquela senhora começou a se sentir "dona do pedaço". E, por incrível que pareça, era mesmo. Apesar de estar conversando com uma única pessoa, o seu olhar se dirigia a todas as outras que estavam no

ônibus. Era como se estivesse dialogando com a sociedade.

— Pois é! O meu marido é um monstro, um animal! Olha só! Eu com apenas 38 anos estou aparentando 50!

Contava abertamente seu desentendimento com o marido, rasgando sua própria privacidade e lançando-a no ar.

— Tenho cinco filhos e todos eles foram feitos à força. O menor de 10 anos e o mais velho acho que está com 16. Sabe, eu agüentei esses anos todos com a esperança que ele melhorasse! Mas que nada! Ele bebe que nem uma porca e dá tanto murro na minha boca, que ela já tem até gosto de sangue!

Observei que ela estava com um batom fora da moda.

— Pois é: fico com uma vontade de matar quem fica falando que eu devia pensar mais sobre o desquite! Só quem vive este problema é que pode dizer! Tenho vontade de cortá-lo em pedacinhos, jogar álcool em cima e tocar fogo! Sei muito bem me criar sem homem e meus filhos já podem muito bem trabalhar! Homem não presta! É bicho perigoso!

E o papo foi se esticando, ou melhor, o monólogo desenvolveu-se por uns dez minutos até que:

— Ah! Maria! Tá chegando o meu ponto! Preciso descer, chegar logo em casa pra poder preparar a janta! Acho que vou comprar um pedacinho de carne! O meu marido adora!... Sabe como é, né? Homem costuma ficar zangado quando chega em

casa e não encontra a mulher, e um agradozinho sempre é bom! Aparece lá em casa pra gente bater um papinho! — E foi indo para a frente. — Com licença! Com licença!

Desceu do ônibus toda imponente, acenou um tchauzinho, esboçou um sorriso, o ônibus partiu e sua imagem se perdeu...

## FLUIDEZ

Verdade  
ver  
de verdade  
a verdade  
coragem  
nos sentidos todos  
a cor age  
somos cores  
que agem  
neste universo  
que é colorido.

## LAR-BAR

No som do bar  
na folia organizada  
deitou-se em saudades  
em promessas felizes  
No canto do bar  
lar  
viveu em folia  
de uma saudosa marca  
de gosto de lar  
de gosto de bar  
Em canto de bar  
aliviou-se em certezas  
de ver maloca primeira  
ressurgindo  
em suor  
suor do corpo  
sua dor no copo  
embriagando-se em emoções  
ele agita  
o suor do corpo  
e deposita sua dor no copo.

**FLEXIBILIDADE POÉTICA I**  
**Busca**

Na busca	A procura
A procura	Procurava
Procurava	No apelo
No apelo	O sossego
Rangia	Se entregava
Se entregava	Pra dor
Pra dor	Na busca
Pra dor	Na busca
Se entregava	Pra dor
Rangia	Se entregava
O sossego	Rangia
Procurava	No apelo
A procura	Procurava
Na busca	A procura

**FLEXIBILIDADE POÉTICA II**  
**Arte**

Agir	Na vida
Sentir	A vida
Pensar	Vivendo
Fluir	Rasgando
Intelecto	Conceitos
Emoção	Aprumando
Instinto	Sentimentos
Definem	Apurando
Atitudes	Sentidos
Indicam	Acariciando
Intenções	Ações
Expressões	Arte
Impressões	Ar
Fluidez	Luz
Magia	Leve
Arte	Leva
Percepção	Longe
Emoção	Laços
Razão	Abraços
Intuição	Corações
Sentidos	Expressões
Sentimentos	Impressões
Reflexos	Arte
Da vida	Luz

E DOROTEIA FOI À FORRA

Ninguém, no povoado de Nossa Senhora do Bom Parto, ignorava a história, com raízes no tempo da escravidão, envolvendo a figura perversa do fazendeiro Claudionor Pitomba que acrescentava ao seu nome a magnificência da patente de coronel, sem nunca haver participado de uma refrega nem pertencido às fileiras do Exército. Homem de maus bofes, para quem o negro era tido como um ser inferior pelo simples fato de ter sido arrematado num leilão de pobres pretos trazidos, sob o jugo infamante da traficância humana, do tórrido continente africano para as amenas terras do sul das Américas. Compra que, no seu píffio entendimento, dava ao arrematante um direito absoluto sobre o assim adquirido, inclusive o de dispor da própria vida dos submetidos ao seu vil e descristianizado domínio. Usança normal entre os rudes senhores de terras nos velhos tempos em que a monarquia despejava a granel títulos de nobreza para a satisfação da fatuidade de cidadãos que melhor se enquadravam num famulato bajulatório do que numa merecida nobiliarquia.

Corriam soltas, nas redondezas de Nossa Senhora do Bom Parto, as notícias que mantinham o cabelo da caboclada em pé, da ferocidade com que o coronel Claudionor gerenciava a sua fazenda, tra-

tada com desvelo desmesurado, propriedade que era uma lindeza ver, com uma produtividade de grãos de excelente qualidade. Contrastante o interesse que dispensava à terra com a dureza com que massacrava os escravos, sofrida gente a carregar as rudes tarefas a que era obrigada, regando, muitas vezes, a rica floração dos cafezais com o sangue esvaído das feridas causadas pelas chibatadas ordenadas por um feroz capataz que costumava adicionar, à violência dos castigos, uma pitada de ódio que aos negros votava.

Ódio alimentado pela negativa de uma bela africana, verdadeira deusa em ébano esculpida, tal a perfeição do seu corpo esguio, que recusara à fanchuda capatazia as delícias das suas formas, ansiosamente procuradas pelo administrador, nas noites de luar pleno, na quietude da senzala onde negros gemebundos mal tinham forças para refazerem-se das canseiras do dia. Mucama que só não foi acorrentada ao tronco, para ser lanhada de chibatadas, porque era a ama da sinhazinha, filha caçula e muito amada do patrão. Os seus préstimos, aliados a uma presença física agradável, eram requestados pela casa senhorial por indispensáveis. Demanda essa que freava os ímpetos do capataz de castigá-la, com o despejo de toda a sua soberba de um branco repellido por uma escrava, predileção do seu assanhamento sexual. Extravasamento arrogante da enfática primazia da raça branca sobre a negra. Onde se viu uma escrava recusar a estima de um branco que, além do fator pigmentário que a falaciosa conceituação da época impunha como vín-

culo de superioridade, enfeixava o poder de ditar a sorte do escravizado? Indagação íntima que o capataz se fazia, num despeito indisfarçado do seu orgulho ferido. Da famulagem cativa aos assalariados, estes em número ínfimo, sabia-se das intenções do capataz, revelada em assédios e importunações por demais transparentes. Todos conheciam as razões íntimas da sua malquerença para com a linda e desejada africana. Menos o bronco do Claudionor que confiava cegamente nas determinações do seu administrador, às suas palavras dando crédito ilimitado. A persistência no querer a negrinha dos seus anelos e a resistência da escrava em ceder aos seus lúbricos desejos transformaram o amor não correspondido num ódio latente. O malvado respondia pelo nome de Justiniano. Para descrevê-lo, poucas palavras bastariam. Tinha a catadura dos carrascos e a alma de um demônio. Era a maldade em retrato perfeito, sem retoques. Para vingar-se das recusas de Doroteia, assim chamava-se a beldade atrozmente perseguida, tratou de indispô-la com o patrão. Se possuí-la era impossível, se obter os favores que o faziam fremir em insopitadas ânsias, nas longas madrugadas que o mantinham insone, só nela pensando, não conseguia, que conhecesse, então, a força do seu poder. Queria tê-la nas mãos. À sua mercê. Passou a intrigar: sabe, patrão, a negrinha, como depreciativamente mencionava a criatura dos seus desejos frustrados, é de má índole. Que o coronel se acautelasse. Costumava beliscar a sinhazinha quando ela suplicava-lhe qualquer entretenimento. Que não dispensava os cui-

dados higiênicos devidos à menina. E, de tanto repetir essas qualidades negativas que falsamente atribuíra a Doroteia, conseguiu fazer a cabeça do coronel, a ponto de levá-lo a escolher uma substituta para agrado e serviços da filha querida. Doroteia tornou à senzala comum, perdendo, com isso, o privilégio de habitar na parte destinada à criadagem da casa senhorial. E, o que era mais tormentoso, para os sofridos trabalhos campestres. Não podendo saciar a lascívia que lhe punha o sangue em ebulição, passou a maltratá-la com tarefas pesadas. Teu corpo recusa os meus afagos, resmungava, pois que padeça na soalheira do sol a pino. O pior eito a ser carpido era atribuição de Doroteia. Para a pobrezinha, o carregar dos volumes mais difíceis de serem transportados. A derrição dos grãos de café amadurecidos nas plantas mais altas passou a ser a sua obrigação. Do raiar do sol ao crepúsculo, era um labutar sem tréguas. De longe, Justiniano a tudo assistia, degustando a sua perversidade, aboletado na sela de um fogoso tordilho. Consumia-se, porém, ao lançar olhares dardejantes e concupiscentes sobre ela, prelibando, entre dentes: não queeres ser minha, então acabarei contigo, secarei a tua formosura na impiedade de um trabalho sem tréguas. Mal sabia o ferrabrás que, como autêntico anjo da guarda a dar permanente proteção a Doroteia, um rapagão de bíceps agigantados, de há muito caído de amores por ela, regalado por uma correspondência sincera, pronto estava para qualquer defesa da sua eleita. Era o seu companheiro fiel e constante. Confidente de todos os temores e pade-

ceres daquela que procurava à sorrelfa para, em noites de longas vigílias e palpitantes desejos, dar vazão a devaneios e rendições febricitantes.

Certo dia Justiniano não apareceu para distribuir as tarefas para os escravos. Esperavam, num silêncio sequer rompido por balbucios, o desfecho da tragédia por eles intuitivamente pressentida. Procuraram o capataz por toda parte. Na casa da administração não dormira, informou a mulher rodeada da filharada que tudo via e nada entendia. Foram à cidade. Nos locais da sua habitualidade não aparecera. Até que, no caminho do retiro, destinado ao melhor gado da fazenda, alguém viu e logo propagou a notícia: amarrado no mourão de uma cerca, o corpo do Justiniano, cara emplastada por um sangue coagulado, numa tétrica aparição, estava exposto totalmente nu e com os órgãos genitais decepados.

Debalde o coronel Claudionor buscou as autoridades, com todo o peso do seu prestígio. Queria castigar quem lhe eliminara o capataz. As diligências policiais esbarravam sempre no absoluto silêncio da negrada. E o crime, de bárbaro tachado, ficou impune para sempre.

Numa domingueira, porém, reunidos os peões da redondeza na venda do Seu Bepo, fornida casa comercial de beira de caminho, destinada ao abastecimento dos rurícolas da região, o velho Elesbão estava com a língua solta. Impava o peito para afirmar, orgulhosamente, que passara dos cem anos. Faces encarquilhadas, cabelos alvos que mais pareciam uma pele curtida de ovelha, tão branquinhos

eram, barba comprida de patriarca, igualmente nívea, detalhes contrastantes com a cútis negra como o azeviche, conhecera todos os horrores da escravidão. Fora ele, também, escravo. A espinha dorsal cedera ao peso dos anos, conferindo-lhe uma gibosidade que, ao invés de enfeiá-lo, dava-lhe um ar grácil e chamativo. Os olhos mortiços e empapuçados lacrimejavam sem parar, tornando-lhe o semblante entristecido. Parecia estar sempre a chorar. Aparência que era um confirmador razoável da longevidade apregoadá. O dito predileto dos etnólogos — negro quando pinta três vezes trinta, acrescentava confiabilidade à informação. O homem era mesmo centenário. Os dias de cativo, as agruras da travessia do Atlântico na imundície do porão de um navio negreiro, a saudade da terra que ficara nas lonjuras do continente africano, curtia-as ele na venda do Seu Bepo, atirando ao santo da sua predileção, gesto quase sempre acompanhado de rapidíssima persignação, generosos goles de cachaça, absorvidos de pronto pelo chão de terra batida para, em seguida, emborcar o que no copo ficara. Assim, aplacava os seus sofrimentos e tristes lembranças, num sôfrego e barato esborniar. Parecia guardar a chave o segredo da protagonização do merecido castigo imposto ao fero capataz. Mas aquela domingueira parecia talhada para revelações. Em determinado momento, dos olhos espremidos do Elesbão, sumiu a lacrimação senil para readquirirem um vigor de juventude. Transformação que o fazia expelir um brilho sem jaça, emoldurado por sobranceiras de longos fios es-

branquiçados. Foi quando alguém atreveu-se: e o caso do Justiniano, heim? Elesbão, olhares perscrutadores, vistoriou da venda todos os cantos, como que aceitando a pergunta feita só para ele, e sem demora foi sacando: Os amigo sabe, né. Tem uma hora na vida que a gente tem de tomá uma decisão, né. Puis a história da Doroteia com o marvado Justiniano, eu conheço bem. E desembuchou tudo o que lhe andava escondido no fundo dalma, durante quase toda a sua vida. A coitadinha, não suportando o acossamento a que era submetida e os sofrimentos conseqüentes, apelou para um companheiro de noites amorosas. Era preciso acabar com tanta consumição. Não suportava mais ser martirizada. Arquitetaram o plano destinado à libertação de dias tão tormentosos. Doroteia, sem despertar suspeitas, num fingimento bem simulado, passaria a corresponder às solicitações do patife. Desde que não ultrapassassem de dengos, sem qualquer comprometimento total. Doroteia começou a colocar a serviço da trama todas as artimanhas de que é capaz uma mulher ferida nos seus brios. Seduziria, assim, o seu verdugo a um lugar ermo, previamente escolhido. Cumprida a sua parte, deixasse ela o resto com o seu devotado companheiro. Nunca um plano vândice foi tão bem planejado para alcançar uma satisfatória execução. A negrinha começou por retribuir os olhares sequiosos de Justiniano. Sorria-lhe. Ah!, falou num balbucio o capataz. Entregou a rapadura ou não? Os efeitos da fingida sedução foram além do esperado. As árduas tarefas da negrinha começaram a abrandar. Não mais era es-

calada para capinas nem mais tinha de esfolar as mãos na colheita do café. Mesmo porque Justiniano não queria mais vexar o corpinho que prelibava como seu. Estava ele destinado a carícias e não a maus-tratos.

Até que, no dia aprazado, deu ela a senha esperançosa ao pilantra. No exato momento estipulado lá estava capataz para receber os favores da bela escrava. Foi encontrá-la deitada num macio monte de feno. Tão logo vislumbrou-o na porta do celeiro, Doroteia, num oferecimento sem cerimônias, foi erguendo as vestes para que o capataz, endoidado pela exuberância física da deidade dos seus arroubos, sobre ela se deitasse. Era dádiva que Justiniano não esperava tão espontânea. Quando se deitou sobre ela, aprestado para a vazão de todos os seus ímpetos, já prestes ao êxtase da consumação, sentiu o fio gelado de uma lâmina cortar-lhe o pescoço. Era a afiada foice que o companheiro de Doroteia metera-lhe na altura da cervical, repetidas vezes, com o furor de quem despejava toda a carga de um ódio acumulado por tantos anos de submissão. Justiniano ainda teve tempo de voltar-se para identificar aquele que lhe tolhera a realização do mais ansiado encontro de toda a sua vida. Para deblaterar, numa golfada de sangue: seu nego safado. Tudinho foi feito, inclusive a preparação e transporte do corpo para a pública exibição da desforra de Doroteia. Tudo no mais completo segredo.

Ao findar a narrativa, Elesbão meneou a cabeça para abrandar a ofegante respiração, entre-

cortada de soluços, num envolvimento de triste saudade. E tartamudeou: fais tanto tempo. Todos já morreram. Até a minha querida Doroteia. Como tua querida?, indagou um dos circunstantes. Elesbão, batendo com a mão direita no peito, bem junto do coração cujos batimentos claudicavam pelo comprometimento da válvula mistral, com ofegos doloridos, fez a sua derradeira confissão: é que foi este nego aqui qui feis a pele do Justiniano.

Revelação feita de um segredo retrancado por mais de meio século, o corpo do Elesbão foi tomando suavemente, como que amparado por vidas do além, até estatelar-se no chão duro e frio da venda do Seu Bepo.

## O INCONFORMADO

Aparício, magro e comprido como um cipó pendente da árvore da vida, de andar meneante, com generoso jogo de corpo à direita e à esquerda, era um homem de hábitos morigerados. Seco no receber e retribuir gentilezas. Retrancado num ensimesmar profundo, era de pouca conversa, parecendo-lhe um martírio o relacionamento com as pessoas do seu convívio, que poucas eram, quando agrupadas para a troca de idéias ou papos patuscos. Moreno carregado, mais abaçanado do que para ariano, nariz aquilino e avantajado a dominar-lhe o rosto austero e cavernoso. Olhos perscrutadores a perpassarem por todos os desvãos dos ambientes sociais onde, com muita dificuldade, se encaixava, inspeção facilmente denunciada por uma exoftalmia denotadora de profundos desarranjos hormonais.

Professor de ciências exatas no melhor colégio da cidade. Talvez, a rigidez da matéria que ministrava, rejeitada pela maioria dos alunos, dada a dificuldade de assimilação e por exigir um perfeito enquadramento a regras imutáveis, tenha influído na postura social do sisudo mestre. A matemática fizera-o amargo.

A dança era a sua única e grande paixão. Toda a rigidez de procedimento era um desmancho só quando, em qualquer festa, familiar ou associativa, ouvia os primeiros acordes de uma valsa dolente ou de um saracoteante samba. Partia logo para o convite à primeira dama que encontrasse.

Se bonita ou feia, pouco lhe importava. Do que ele fazia questão mesmo era formar o primeiro par a rodopiar pelo salão iluminado que, aos seus olhos esbugalhados, transformava-se num amplo e esplêndido palco acolhedor dos seus dotes aferidos numa dulcíssima inspiração de Terpsícore, musa bafejada pelos favores que do Olimpo emanavam.

Agüentava a vida celibatária, não por desamor ou ausência de vontade no matrimoniar-se com alguém da sua predileção. Sazonados nele os aprestos para uma união. Mas, onde encontrar aquela que se ajustar pudesse às suas esquisitices?

Até que, no momento azado, foi despertado pelos encantos da filha do juiz de paz do burgo. Criatura de deslumbrante beleza. Respondia pelo melodioso nome de Angélica. Conhecer-a num sarau dançante. Ao apertá-la nos braços, embalados pela sonoridade de uma valsa, teve a impressão de que estava sendo estrangido por um vulcão em plena erupção. A moça roçava as coxas nas de Aparício com tanto vigor e fegosidade que a saliência da vulva, numa provocadora oferenda, suscitava-lhe a masculinidade, a ponto de enlouquecê-lo. Nos seus vagares matutava: como pode uma moça com essa beleza toda ter escapado, até agora, ao assédio da rapaziada da cidade? Por que, com todas as prendas domésticas presentes a exornarem-lhe a individualidade agraciada para ser uma perfeita dona de casa, ainda não tivera um pretendente ao seu coração? Seria porque o pai, homem por todos acaçado e de uma integridade nunca desmentida, mantinha-a sob severa vigilância?

Arrebatado pelos encantos de Angélica, passou a cortejá-la. E, para surpresa sua, foi de pronto correspondido. Encontravam-se às escondidas, com Angélica propondo lugares ermos e aquietados para as suas expansões amorosas. É que a cidade é metida a mexericos, dizia ela, para justificar-se. Quem sabe a minha amada seja supinamente pudibunda, cogitava Aparício. Ou refratária a comentários que pudessem abalar-lhe a reputação, se fosse vista na companhia de um homem pouco dado a namoricos. Pudicícia, prudência ou o que fosse, Angélica mostrava-se avara no permitir liberalidades. Sempre repelia as carícias mais atrevidas que pretendessem ir além de beijos e afagos que ultrapassassem os limites dos seios túrgidos e arfantes. Eta mocinha difícil, resmungava ofegoso Aparício, quando o desejo explodia-lhe nas entranhas, num insopitado querer de posse imediata e total. Jamais, ao seu açodamento, foi permitido invadir as regiões do baixo-ventre. Numa festa dançante, apertando-a nos braços e enlevado pela magia musical, reparou que as feições de Angélica alteravam-se e o corpo todo estremecia, como um temporal em fúria. Mas bastou uma ousadia do macho provocado em alcançar permissão que ultrapassasse as trivialidades até então consentidas, para que Angélica, num gesto de repulsa, mostrasse todo o defensor da sua pureza.

Até que chegou o dia de ultimar o noivado. Um certo constrangimento, que passou despercebido ao apaixonado Aparício, dos pais da requestada pairava na quietude da sala, onde a freqüência do

ruído das xícaras batendo com as bundinhas nos respectivos pires suplantava o das frases trocadas com formalismo excessivo. Consentimento dado, o noivo esperava, a partir de então, uma magnanimidade maior por parte daquela que escolhera para sua consorte. Mas qual! Sempre a mesma reserva. Às mãos de Aparício jamais foi concedido chegarem às partes pudendas de Angélica, numa desejada apalpação lascívia. Tão logo o arrojo se apresentava, a jovem, de imediato, estancava-lhe as tentativas cagarolas. Não mais suportando tanta renitência, o coitado, numa depressão de causar pena, resolveu confidenciar a um colega de magistério, a ele mais chegado, todas as incertezas que o atormentavam. Sabe, amigo, que eu não entendo a minha noiva? Vejo-a fogosa nos arroubos amorosos, mas, quando tento algo mais que simples carícias, ela recua como que apavorada em permitir um avanço mais audaz. O que acontece com ela no resguardar-se tanto? O amigo, mais que amigo, agora erigido à condição de confidente, faces ruborizadas, procurava fugir do assunto. A insistência do noivo frustrado nas buscas das intimidades da sua eleita fê-lo abrir-se numa sincera e apiedada confissão: Olha, Aparício, não sei se o que lhe vou contar será uma revelação salutar ou trágica. Porém, diante da sua obstinação em conhecer a verdade e pela amizade que nos une, não posso mais ocultar o que, de há muito, você devia saber. A Angélica é..., a Angélica é..., sussurrou reticente, como que assolado pelas conseqüências da revelação. Desembucha logo, insistia Aparício, voz rouquenha, embargada

na garganta por um pigarro que dificultava a emissão das palavras. E o colega, olhares distantes para não fitar os de Aparício, num tartamudeio, soltou a verdade por todos sabida, menos pelo noivo inebriado de amor, com o alívio de quem se livrava de um pesadelo: A Angélica é hermafrodita.

A terra tremeu aos pés de Aparício. Parecia abrir-se para tragá-lo, levando consigo, para as suas ignotas profundezas, aquela inopinada revelação.

Num estonteamento que lhe turvava a visão, imprimindo ao caminhar uma ginga mais acentuada que a normal, dirigiu-se, órfão de qual amparo, para o seu quartinho de solteirão solitário. No dia seguinte não compareceu para dar as suas aulas de matemática. Fato que, surpreendentemente, repetiu-se no dia posterior. Logo com ele que sempre fora assíduo e cioso no cumprimento das suas obrigações! O que teria acontecido ao Aparício, indagavam os colegas à procura de um esclarecimento para aquele misterioso desaparecimento.

Mas o amigo que o detonara com a notícia da anormalidade anatômica de Angélica pressagiava que algo de trágico havia nessa ausência inusitada. E resolveu tirar a limpo aquele súbito sumiço. A passos largos e com mil conjecturas a embolarem-lhe as idéias, dirigiu-se à modesta morada de Aparício. Ao aproximar-se da porta, que trancada estava, retraiu-se, com as narinas impregnadas pela alacridade do cheiro de carne putrefeita. Chamou a polícia. Porta arrombada, lá estava, pendente de uma corda que lhe cingia o pescoço, atada à viga

mestra que sustentava o telhado, o corpo do pobre Aparício.

O coitado não suportara a mofina revelação. Sentiu-se traído pela inconfidência daquela que obumbrara todo o encantamento dos acalentados sonhos de uma parceria feliz, junto à mulher que entronizara no seu coração.

Só com a morte podia opor-se à perfídia que o vitimara.

Sem Angélica a vida não tinha sentido.

E uma Angélica andrógina era vilipêndio que jamais carregaria.

# LAERTE ROMUALDO DE SOUZA

## Introdução

Ouso continuar o meu trabalho. Sinto que de alguma utilidade ele será, para que se compreenda a obra grandiosa de Dante. Nada que se faça, em termos de cultura, por mais modesto que seja será em vão. Nas entrelinhas, nas palavras utilizadas, no material em que se registram os vocábulos, há de encontrar-se, no mínimo, chusmas do coração e da alma de seu autor. Nesta pequena odisséia senti, várias vezes, a presença das personagens que envolvem a trama principal, particularmente do poeta Virgílio, do anjo Beatriz e do autor-viandante, que vai descrevendo uma trajetória assustadora e ao mesmo tempo capaz de causar inveja ao mais cético dos homens. Há momentos em que se chega, com Dante, a não temer o inferno, na sublime esperança de que o Creador nos dotou de qualidades e força para enfrentar o próprio inferno. Vamos caminhando na ânsia de encontrar lenitivos para os nossos males, comparando, cada um, o seu sofrimento com o sofrimento das almas penadas. Em trilha semelhante, vamos perseguindo o nosso nirvana. Para mais profundamente identificar-me com a *Comédia*, faço publicar, neste preâmbulo, algumas palavras que me comoveram nos idos de 1985, sob o título "Carta".

## Carta

A cisma e as sombras que do futuro surgem  
Na escuridão cantada por alguém em penitência  
Pode-se dizer que é o encontro inicial do nada  
Ou o "nada" primeiro que se opõe à vida.

Se os mitos e magias são os talismãs da força  
A força destruidora da mágoa e da desgraça  
Sinto-me invadir pelos talismãs da magia  
E embevecer-me nos talismãs dos mitos.

Na extrema-unção daquele que nasceu  
Da vida que cumpriu; das dores que sofreu  
Das lágrimas choradas; do sangue que verteu  
Da tristeza que o envolve; da mão que o acolheu  
Da derrota sofrida; da glória que viveu  
Das trevas enfrentadas; da luta que venceu  
Das derrotas passadas; da forma que o envolveu  
Da luz que o guiou; da porta que bateu  
Do nada que se sabe; do tudo o que aprendeu.

Do amor que sentiu  
Participou; viu; honrou; percebeu; glorificou;  
estremeceu

No enleio do orgasmo que atingiu  
De joelhos implora a repetição  
No amor vivido; partiu e renasceu.

O amor é a crise inicial; é a crise final  
Ama-se o bem; de certa forma o mal também  
Pois bem e mal são os propósitos secretos  
Do que se avizinha e nunca entendemos.

Os mitos, as magias, o transcendente esquivo  
Desse marasmo complexo, obscuro, confuso e  
sibilino,  
Deriva o centro que governa o mundo.

O centro é vencer o mal e tudo o que ele cria  
Arma simples; de manejo fácil; muito carinhosa  
Impulso que nos move em lapso constante  
Laço que não prende; dá-nos liberdade  
Fluxo de emoções que anula a dor  
É o que te ofereço submisso: o amor.

## A COMÉDIA EM PROSA

### Inferno Capítulo V

De onde me encontrava desci ao segundo círculo; aí o espaço era bem menor e a dor muito maior. Nesse lugar se encontrava Minos (71), que externava sua ferocidade. Examinava as faltas de cada um e, como era de seu ofício, ia sentenciando. Surge diante dele uma alma sofredora; confessa seus erros e todos os pecados em que incorrera. Minos lhe indica qual é o lugar do inferno em que deve ficar, fazendo-o movimentando a cauda.

Constantemente as almas aparecem na frente de Minos, aguardando a vez do julgamento. Confessam os pecados, ouvem a sentença e vão para o seu lugar, desaparecendo imediatamente.

Assim que Minos me viu, bradou com raiva, interrompendo o seu trabalho: Ó tu, que vens parar na morada das dores; presta atenção pelo modo com que entras e verifica as pessoas de tua confiança. Não te enganes com o grande espaço que existe ao entrares.

Em vez de falar — disse, gritando, o meu guia —, por que não procuras impedir que continue? Se ele quer assim, que se cumpra a sua vontade. Isto não basta para te dar certeza de que quer continuar?

Aqui já é o começo dos sofrimentos infernais e se ouvem os lamentos. Cheguei aonde lágrimas copiosas tornam mais claras as penas. Em lugar de luz, o vento rugia como ondas bravias. Nada conseguia acalmar o furor da tormenta e as almas se agitam, se contorcem, se ferem em seus encontros e choques. Quando são atiradas da borda do abismo, gritos, soluços e gemidos são ouvidos seguidamente e a multidão maldita vai blasfemando contra Deus.

Fiquei sabendo que esses sofrimentos são reservados aos que abusaram do sexo, sujeitando-se a esses vícios descontroladamente.

Como bando de estorninhos no inverno, as almas volteavam em rodopios. Os rodopios faziam-se ao sabor do vento, mas não afastavam a dor, nessa agonia.

Da mesma forma que grandes bandos de groux vão grasnando, as almas nunca descansam do sofrimento, atiradas pelo tufão.

Mestre — disse eu —, que almas são aquelas que o vendaval tortura?

Virgílio respondeu: A primeira delas governou nações e gostarias muito de ter informações mais amplas a respeito dessa alma. Todas chegaram a estimular os excessos sexuais, que fizeram leis que os permitissem. A primeira é Semiramis (72), esposa de Nino (73), de quem herdou a coroa e a grande fortuna. Outros que lhe seguem são Siqueu (74) e Cleópatra (75).

Virgílio continuou indicando-me várias sombras em que reconheci Helena (76), Aquiles (77), Páris (78), Tristão (79) e muitos outros que ali se encontravam internados. Passei a sentir grande compaixão por todos, no instante em que passei a conhecer as mágoas dessas damas e cavalheiros.

Então eu disse: Poeta, desejo falar com os dois companheiros que vemos e que parecem passar tão depressa.

Terás oportunidade de falar-lhes, respondeu-me Virgílio. Quando estiverem mais próximos, chama-os pelo amor que os uniu; virão imediatamente. Quando se aproximarem, o vento conduzirá a tua voz e falarás aos dois: Vinde até nós, almas aflitas, se algo mais forte não vos impedir. Como as pombas que estendem as asas e deixam os ninhos para cumprir, cada uma, o seu destino.

Dentre os que saíram da turba, uma era Eliza; as duas inclinaram-se respeitosamente, dando

sentido às palavras que nos dirigiam: Ser bondoso, compassivo e brando, que se propõe a visitar-nos neste lugar de expiação, ainda que tenhamos sido pecadores incorrigíveis. Se pudesses, temos certeza de que nos livraria deste mal que nos submete, ao ouvir os nossos rogos. Na carícia da brisa, ouviríamos o que tens para dizer-nos e responderíamos falando o que pretendes de nós. O rei sofredor e seus vassallos, procurando a paz, acabam por ser atirados ao mar. Dorme a terra em que eu nasci. O amor prendeu imediatamente o meu coração, fazendo com que o meu par se encantasse com a minha formosura, que foi arrebatada por outros, contra a minha vontade. O amor ofertado exige ternura; dediquei-me a ele com prazer, que vivera eternamente em meu coração. Na morte fomos iguados pelo amor; guarde para que digas quem foi a causa da nossa desgraça.

Logo após se fez silêncio. Fiquei a meditar amargamente, com o rosto dentre as mãos, até que o Mestre exclamou: Em que pensas?

Assim que recobrei o fôlego, falei: Que destino cruel trucida esse par de amantes. Que doces pensamentos, que meigo encanto precederam esse fim maldito que o subjuga.

Novamente dirigi-me aos amantes: O teu sofrimento, Francesca, entristece-me. Sinto-me chorando convulsivamente. Quando a paz os envolvia e só existia amor e um desejo de felicidade entre vocês dois, ainda assim se escondiam?

Respondendo, Francesca diz: Não há maior tormento do que recordar a felicidade vivendo na

desgraça. Teu mestre sabe disso. Mas já que desejavas saber tudo, desde que nasceu a flor do nosso afeto, vou responder-te em meu lamento triste: meu passatempo favorito era ler os escritos dos grandes namorados. Vivíamos um para o outro, de coração aberto. Meus olhos, cansados, paravam de ler os contos de amor; em nossa tristeza só há uma coisa a ser considerada: quando aparece nos lábios o beijo esperado do heróico amante, deseja-se que o tempo estacione e nada mude. Trêmulo, beijou-me a boca, fazendo-se amante e amado, não prosseguindo a leitura antes iniciada.

Enquanto um contava essa triste história o outro chorava copiosamente; eu, com o pensamento distante e cheio de piedade, senti-me envolto em conflito íntimo, que tombei, como tomba um corpo sem vida.

## Capítulo VI

O sofrimento era profundo; a queda no abismo faz com que a mente sofra, em repetição da comvente tristeza.

Vi-me, novamente, rodeado por outros miseráveis, de outras mágoas que estavam por toda a parte, próximas ou distantes. Encontrava-me no terceiro círculo, onde chuvas pesadas, gélidas e impuras caíam persistentemente. Chuvas de pedra grossa, neve e água desciam do ar vindas de alturas tenebrosas; conforme caíam, faziam exalar do chão terrível fedor. Cérbero (80) latia furioso, es-

cancarando suas três mandíbulas contra as turbas de criminosos condenados. O cão tem os olhos avermelhados, a barriga enorme, pouca barba, as patas exibindo unhas afiadas; rasga, esfola, retalha os tristes condenados; estes trocam de lugar constantemente, buscando afastar-se da fera e procurando alívio para os ferimentos.

Cérbero, a serpente maldita, ao ver-nos mostra os dentes, escancarando as bocas, fazendo tremer os membros e o corpo.

Meu guia enche as mãos de terra, preparando-se para defender-se da fera. Lança nas goelas devorantes a terra que recolheu. Como se fosse um bando de cães, latindo estrondosamente, late de fome, devorando a terra que lhe foi lançada nas bocas e aquieta-se. Aplacada a fúria do demônio que atordoava as almas, mal se podia ouvir o seu gemido. Por onde caminhávamos, o solo apresentava inúmeras sombras que as chuvas traziam; essas sombras tinham forma e aparência de pessoas.

Pouco distante de nós surge uma dessas sombras, que se alastravam estendidas sobre a terra. Essa sombra, de repente, põe-se sentada, dizendo-nos: Tu, que és guiado pela estrada do inferno, já não me conheces? Nascestes antes de eu vir para esta morada. Respondi-lhe: O teu sofrimento é tão grande que me impede reconhecê-lo. Quem és e que pecados te arrastaram para este lugar em que dás pena? Ao que me respondeu: Em tua pátria, onde predomina a inveja, que supera tudo o que há de mal sobre a terra, tive uma existência boa e tran-

qüila. Vós, florentinos, chamavam-me Glacco (81); por não controlar a minha gula, sob a chuva sofro, enregelado e fraco. Muitos, aqui, estão sendo punidos pelo mesmo pecado. Ao que eu lhe disse: Sofres com resignação? Por esse teu sofrimento me como vo e rogo para que te seja breve. Qual é o motivo que faz com que o desregramento ali tanto aumente? Será que em Florença (82) vive alguém justo? Após ódio excessivo, haverá derramamento de sangue, que dará triunfo aos ímpios e maus. Daqui a três dias, os vencidos suplantarão os vencedores e estes procurarão inverter a sorte, impondo humilhação aos primeiros. De todos, surgirão duas pessoas justas que não serão ouvidas por ninguém. E em palavras trôpegas Glacco afirma que os três pecados — avareza, orgulho e inveja — irrompem no peito dos maus e fazem com que se aprofundem no sofrimento. Eu respondo a Glacco: Tua voz soará com ternura aos que desejam ouvir-te. Onde se encontrem pessoas de caráter, como Farinata (83), Tegghiaro (84), Mosca (85) e Arrigo (86) e os mais que conheceram a virtude? Sê sincero comigo. Desejo imensamente saber sobre o destino dos mesmos; estão no céu ou pagam pecado no inferno? Ao que Glacco responde: Encontram-se entre os que mais sofrem no inferno, resgatando os males que fizeram; quando desceres, verás a face dos mesmos. Quando retornares ao mundo dos vivos, traze-me para a sua lembrança... nada mais do que isso; agora, volto ao meu silêncio profundo.

Nesse instante passo a refletir: os olhos vidrados que se fixam em mim, envolvendo-se com os

demais infelizes, caem entre os mais cegos, rapidamente.

E disse o vate: Aguardarás a angélica chamada, quando chegar o momento em que Deus o julgará.

Cada um dos sofredores se erguerá da sepultura, reaparecendo na carne e na pessoa, ouvindo o chamado longínquo.

Caminhando lentamente entre a mistura de sombras e sob a chuva, eu e o poeta falávamos da vida futura. Mas — eu lhe disse — vai surgindo a grande sentença depois de tanto sofrimento? Permanecerá por quanto tempo a infelicidade? Ou o tormento será mais brando?

Respondendo, diz o vate: Para melhor saberes, recorre às escrituras e verás que, quanto mais o ser se identifica com o bem, mais sensível se torna ao sofrimento alheio. É bem verdade que o condenado às trevas não tem condições morais para livrar-se do sofrimento; retornando, a pena será mais severa.

Olhando em torno de nós, vimos seres praticando atos inconfessáveis, de tal forma que me impeço repeti-los; descem ao mais agudo grau da indecência e perversidade. À frente, encontra-se Pluto (87), nosso inimigo.

## Capítulo VII

Pai satã (88); pai satã. Pluto brada loucamente ao ver-nos, para que meu conforto não se afaste.

O sábio Virgílio procura afastar o susto que levei e que me deixou aterrado, afirmando que Pluto não tem poder para impedir a nossa entrada.

Virgílio se volta ao vulto, que está queimado de ira e lhe grita: Cala-te, lobo abominável; consume em ti mesmo esse terrível furor.

A lei que impõe o castigo, obrigando a descer ao abismo tenebroso, vem do Alto, suplantando o bando orgulhoso de Miguel (89).

Da mesma forma que o mastro do navio, sustentado por velas batidas violentamente pelo vento, caiu por terra o monstruoso inimigo.

Abre-se um quarto círculo, através do qual penetramos naquele local horrendo, onde todo o mal da vida se encontra.

Clamo pela justiça de Deus! Que lei pode impor tantas dores e penas, das que assisti, criada pela culpa que nos cega?

Assim como em Caribde (90), a onda do mar choca-se com outra e em terrível luta arrebatam-se espumantes, da mesma forma as turbas de sofredores se chocam.

Almas em profusão, desconhecidas, amontoando-se em todos os lados, gritando estrondosamente, rolam em desespero. Batem-se umas nas outras, implicando com os demais e perguntando: Por que te atiras em mim? Por que me empurras em desespero?

Naquele círculo envolvido pelo terror, as almas surgiam de vários pontos e seguiam para outros, repetindo, sempre: Por que te atiras? Por que me empurras?

No semicírculo formado despontavam outras almas, até se cansarem do embate. Eu, envolvido pela compaixão, perguntei: Quem são? O que fizeram para merecer tamanho sofrimento? O Mestre responde: À esquerda encontram-se os religiosos, que passam pelo sofrimento moral. Esses religiosos não quiseram viver para o bem, deixando de enxergar os dramas da vida, desviando-se da oportunidade de ajudar o próximo; durante a vida preocuparam-se, apenas, em aplicar mal a fortuna conseguida. Quem os ouve, aqui, não duvida do desregramento que tiveram. Dirigem-nos vozes altas, na tentativa de separar-se da culpa que contraíram. Os que se encontram calvos — padres, papas e cardeais — foram subjugados pela avareza em demasia.

Dirigindo-me ao Mestre, respondi: Mestre querido, acredito que conheci, em vida, muitos desses que aqui são imundos. Ao que o Mestre afirmou: Pensas que os conheceste apenas pela aparência. Eles estão condenados ao sofrimento eterno. Quando essas almas retornarem, umas terão as mãos fechadas e outras ostentarão a calvície. Para elas, as portas do céu estarão sempre fechadas. Não se pode avaliar as mágoas por que passam.

Observa como a ambição, que gera a vaidade, envolve os homens em luta, enganados pela fortuna criada pelos bens da vida. Nem todo o ouro que se encontra na terra consegue dar repouso aos que se perderam pela ambição.

Curioso, perguntei-lhe quem era o ser que denomina Fortuna, que distribui bens ao cobiçoso.

O poeta responde: Quanta ignorância existe entre os humanos, que atraiçoa a mente. Vou dizer-te a verdade. Quem pensa que por seu saber supera os céus, fazendo-se guia único, pensa que ao seu esplendor nada resiste; faz desse mesmo esplendor o que pensa ter recebido para sua própria glória os bens enganadores. De nação a nação, de raça a raça, tudo o que fazem se volta contra os esforços humanos. Avalia-se o poder de um povo, que pode ser grande ou pequeno, segundo as qualidades de cada um, que pode estar escondido como uma serpente em algo superficial. Se contra o saber sadio esse poder nada vale, ele passa a ter força e mando nas próprias fraquezas. Formam-se, no mundo, mudanças constantes, apressadas pela necessidade imediata; a Fortuna é esse poder do bem; muitos, por má vontade, em vez de louvá-la, insultam-na, fazendo-lhe triste injustiça. O sensato não escuta as imprecações e, retornando ao estado primitivo, recupera a felicidade.

Muitas vezes padecemos de dores fugidias; quando se empreende uma viagem, surpreendemos dias e noites; demorar-se na caminhada é proibido e perigoso. Fomos levados através do círculo até a fonte que fervia. As águas surgem de correntes que se abriram, de cor negra. Conforme caminhávamos, continuávamos a descer, movendo-nos através de caminho diferente.

Encontramos uma lagoa denominada Stígia, junto à encosta criada pelo triste ribeirão que observávamos.

Eu procurava obter maiores informações do local e via sombras disformes e nuas perambulando tristemente por esses pântanos. Batiam-se raivosas com as mãos, o peito e a cabeça, usando os pés como armas; seguidamente iam-se ferindo.

O Mestre se dirige a mim afirmando que as almas que agora vejo são dos que se deixaram dominar pela ira. Deves saber, ainda, que sob essas águas chora multidão de almas, por toda essa extensão até onde os olhos alcançam, lembrando, com tristeza, da felicidade que perderam; reclamam, ainda, da fumaça escura que surge a todo instante. Com voz cortada emitiam palavras ininteligíveis.

A passos largos dirigimo-nos em curva, saindo do brejo para a margem seca; cada vez mais distantes, deixávamos aquele bando envolto na lama e finalmente chegamos a uma torre.

### Notas

71. Minos: Juiz dos infernos.
72. Semiramis: Rainha lendária.
73. Nino: Rei da Assíria e Babilônia, respectivamente reino e cidade antigos.
74. Siqueu: Personagem de *Eneida*.
75. Cleópatra: Rainha do Egito.
76. Helena: Princesa troiana.
77. Aquiles: O mais famoso herói de Tróia.
78. Páris: Príncipe grego que seqüestrou Helena.
79. Tristão: Amante lendário.

80. Cérbero: Cão de três cabeças, guardião do inferno.
81. Glacco: Herói lendário, que foi devorado por seus cavalos.
82. Florença: Cidade italiana.
83. Farinata: Poeta italiano.
84. Tegghiaro: Poeta italiano.
85. Mosca: Poeta italiano.
86. Arrigo: Poeta italiano.
87. Pluto: Deus das riquezas e opulência.
88. Satã: Chefe dos demônios, referido no Velho Testamento e no Apocalipse.
89. Miguel: Arcanjo, chefe da milícia celeste.
90. Caribde: Obstáculo marítimo natural de alta periculosidade.

MARA SUELI MARTINS

O FILHO PRÓDIGO  
(Roteiro — Adaptação  
do Evangelho de São Lucas)

*Ext.: estrada de uma fazenda do interior, entardecer*

Vemos um magnífico pôr-do-sol embelezando as terras que se perdem no horizonte. Ouvimos o SOM de um leve troar que aos poucos intensifica-se, e então reconhecemos o SOM de centenas de animais em tropel. De repente a paisagem vai ficando encoberta pelo gado que passa.

*Plano em movimento*

Vemos PEIXOTO, montado num belo cavalo acompanhando tranqüilamente a boiada. Ele aparenta uns cinqüenta anos e usa chapéu na cabeça. Ao seu lado segue outro cavalo montado por DAVI, jovem de uns vinte e cinco anos, pele queimada de sol, barba cerrada e cabelos compridos amarrados às costas.

DAVI

O senhor precisa falar com ele, pai. O Júlio anda com essa idéia de ir embora.

PEIXOTO

Eu sei, Davi. Seu irmão é um sonhador, igualzinho à mãe. Agora vai ver onde ele se meteu.

Davi, contrariado, faz meia-volta com o cavalo.

*Ext.: divisa da fazenda, entardecer*

Vemos um cavalo branco pastando tranqüilamente. Suas rédeas estão amarradas na cerca. Ouvimos o SOM de galhos secos se quebrando e então podemos ver JÚLIO aborrecido, sentado sobre uma pedra quebrando gravetos. Ele tem uns vinte anos e os traços bonitos são próximos da perfeição. Seus olhos azuis são penetrantes, envolventes.

*Ext.: estrada da fazenda, entardecer*

*Plano em movimento*

Júlio e Davi cavalgam lado a lado. Entreolham-se cuspidando fogo.

JÚLIO

Você que é um frouxo.

DAVI

E você parece uma mocinha, que passa perfume até para levar o gado pra pastar.

JÚLIO

(irritado)

Cala a boca, seu merda.

DAVI

Mocinha, sim.

Júlio, furioso, joga-se sobre ele. Os dois caem no chão. Júlio o golpeia com força, Davi o golpeia de volta. Cegos de ódio, rolam pelo chão. Ouvimos o SOM de um tiro de rifle no ar. Então vemos Peixoto sobre um cavalo com um rifle na mão.

PEIXOTO

(autoritário)

Parem já com isso.

*Int.: rancho da fazenda, noite*

Vemos uma típica cozinha rural com forno e fogão à lenha. Lingüiças e toucinhos estão secando no fumeiro. Uma assadeira com costelas de vaca é colocada no forno por mãos enluvadas. Vemos GEMA tirar as luvas. Ela aparenta uns quarenta e cinco anos e tem os mesmos olhos azuis de Júlio. Ela olha pela janela.

*Ext.: rancho da fazenda, noite*

Vemos um céu empipocado de estrelas. Ouvimos o SOM repetitivo das cigarras e dos sapos coaxando.

*Int.: rancho da fazenda, noite*

Júlio e Davi estão sentados à mesa desconfortavelmente próximos. Júlio tem os cabelos ainda molhados, penteados para trás, destacando ainda mais sua beleza e um pequeno hematoma. Do outro lado da mesa vemos o Seu Peixoto, aborrecido, cabisbaixo, olhando para a fumaça que sai de sua xícara de café. Dona Gema está em pé ao lado dele, visivelmente aturdida.

GEMA

Você tem certeza, meu filho?

Júlio assente com a cabeça e Gema abaixa os olhos. Não diz mais nada. Isto parece perturbar Júlio ainda mais, então ele levanta-se e vai abraçar a mãe. Soluços de choro a invadem.

*Int.: quarto da fazenda, dia*

O ambiente é confortável, estilo rústico. A janela está fechada, deixando passar apenas alguns raios de sol pelas pequenas frestas. Ouvimos o SOM de ranger de porta abrindo.

VOZ DE GEMA

Trouxe seu café.

Vemos Gema entrar e aproximar-se da cama com uma bandeja de café. Júlio espreguiça ainda, solenente. Gema coloca a bandeja sobre a cama.

JÚLIO

Eu vou sentir falta desses mimos...

Gema senta-se ao lado de Júlio. Ele aproveita que a mãe está bem próxima e lhe dá um estalado beijo no rosto. Depois ficam abraçados em silêncio.

*Ext.: rancho da fazenda, dia*

Vemos uma mão segurando um volumoso saco de pano amarronzado, com a boca amarrada. A câmera abre e então podemos ver o Seu Peixoto entregando o saco para Júlio.

PEIXOTO

Aqui está a parte da fazenda que lhe pertence como você me pediu. Que Deus o abençoe.

Os dois se abraçam fortemente.

*Ext.: porteira da fazenda, dia*

Vemos Júlio sair da fazenda montado no seu cavalo BRANCO, com uma enorme mochila nas costas. Numa placa pendurada feita de tronco de árvore, lemos gravado: FAZENDA DOIS IRMÃOS.

*Ext.: estrada, dia*

O sol a pino caustica a terra vermelha. Ouvimos o SOM de um galope. Uma nuvem de poeira é levada

tada por um cavalo. Branco atravessa a paisagem galopando, com Júlio.

*Int.: quarto de Júlio, dia*

Dona Gema está em pé diante da janela aberta olhando para o horizonte. Lágrimas escorrem por sua face. Ela segura um porta-retratos, que aperta contra o peito. Ela coloca o porta-retratos sobre a escrivaninha. Então podemos ver a foto: é de Júlio, abraçado ao pescoço de seu cavalo Branco.

*Ext.: margem da estrada, dia*

Vemos Júlio cochilar na sombra de uma frondosa árvore. Branco, no meio do mato, pasta tranqüilamente. De repente ele se apavora, levantando as patas dianteiras. Vemos uma cobra cascavel lhe investir vários golpes. Branco RELINCHA. Júlio se levanta assustado e aproxima-se de Branco tentando acalmá-lo. Não vê nada de estranho.

JÚLIO

Calma, companheiro, o que aconteceu?

Subitamente Branco dobra as patas dianteiras e tomba para o lado. RELINCHA baixinho, todo o ar e energia parecem tê-lo abandonado. Júlio, apavorado, não sabe o que fazer. Abraça seu cavalo e chora.

*Ext.: estrada, dia*

Já ondulante com o calor, vemos Júlio banhado de suor, caminhando a pé, carregando sua mochila nas costas. De repente pára.

*Ponto de vista de Júlio*

Ele olha à sua frente e vê uma longa estrada vazia rodeada de verde. Olha para trás e vê o mesmo. É um momento de decisão: seguir ou voltar atrás. Ele olha para o céu, como que procurando uma ajuda. A imagem começa a ficar desfocada, Júlio dobra as pernas e cai para o lado.

*Ext.: estrada, dia*

O sol quente queima a terra. Uma nuvem de poeira é levantada por uma velha caminhonete que atravessa a paisagem.

*Int.: caminhonete, dia*

*Plano em movimento*

GABRIEL, um senhor franzino de uns cinqüenta anos, dirige a caminhonete. Um rádio toca baixo uma canção sertaneja. Vemos Júlio no banco de passageiros, de olhos fechados, com a face virada para o sol.

*Ext.: vilarejo, noite*

Vemos um pequeno vilarejo banhado de luar e uma visão larga do céu estrelado.

*Int.: recepção da pensão do vilarejo, noite*

Vemos GERALDO, de uns quarenta anos, óculos na ponta do nariz, atrás de um balcão de madeira. De cabeça baixa faz contas numa pequena calculadora. Ele pára, pega uma chave na gaveta, depois olha por cima dos óculos.

GERALDO

É o segundo quarto à direita.

Vemos Júlio com sua enorme mochila nas costas.

*Ext.: ruas do vilarejo, noite*

A noite escura faz brilhar ainda mais as estrelas no céu. Vemos Lúcio impecavelmente vestido passeando pelas ruas.

*Int.: bordel, noite*

O ambiente é sofisticado, alegre. Ouvimos o SOM de risos, conversas e uma música tocando baixo. Vemos homens divertindo-se com mulheres seminuas em trajes sensuais.

*Int.: quarto do bordel, noite*

Quarto escuro, leve penumbra. SOM de um homem gemendo de prazer, revelando um casal fazendo amor. Ele deitado, ela sentada sobre ele. MAIS GEMIDOS. A mulher se acomoda ao pescoço dele e começa a morder sua orelha, depois beija o peito nu e começa abrir caminho na direção do umbigo. Agora vemos o rosto do homem: é Júlio que paralisa e depois explode num GEMIDO de prazer.

*Int.: varanda da pensão, dia*

Vemos Júlio vestido elegantemente, deitado numa rede, experimentando calmamente um charuto fininho. Suas botas com detalhes em dourado refletem os raios de sol. Geraldo está de pé, ao lado dele, acendendo um cigarro.

GERALDO

O senhor disse que ia ficar só uns dias, e que depois iria para cidade... Mudou de idéia?

Júlio não gosta do que ouve.

JÚLIO

*(pondo-se de pé)*

Não estou com pressa de ir embora. Devo alguma coisa?

GERALDO  
(*constrangido*)

Não, não é isso. É que as coisas não estão boas por aqui. Por que o moço não vai embora enquanto é tempo?

JÚLIO  
Deixa que da minha vida eu cuido. Com licença.

E sai. Geraldo balança a cabeça e depois dá de ombros.

*Int.: bordel, dia*

Na sala vemos somente uma moça franzina de avental varrendo o chão. As cadeiras estão de pés para cima, sobre as mesas. Júlio entra na sala.

MOÇA  
A casa ainda não abriu.

JÚLIO  
A Lola está?

VOZ DE LOLA  
Aqui.

Júlio vira-se. Então vemos LOLA, uma morena clara muito bonita de uns trinta anos, vestido decotado mostrando o colo perfeito, descer as escadas.

LOLA  
Pelo jeito, você desistiu mesmo de seguir viagem.

JÚLIO  
Não, apenas não estou com pressa.

Lola passa os braços em torno de Júlio, que a segura na cintura e começa a beijá-la. Ela tenta se afastar, fazendo charme.

LOLA  
Calma... A casa ainda não abriu.

Júlio insiste.

LOLA  
Com essa seca, tudo está a preço de ouro...

JÚLIO  
Já entendi. Eu pago o que você quiser.

LOLA  
Humm... O rapaz deve estar cheio da grana.

JÚLIO  
Dinheiro não é o meu problema. Vem cá.  
Ele a arrasta em direção das escadas.

*Ext.: vilarejo, dia*

Não vemos mais a mesma paisagem verde e alegre de antes. O vilarejo agora é um deserto com árvores secas. Em toda a paisagem não resta um verde sequer, fazendo contraste com:

*Ext.: fazenda, tarde*

Vemos uma plantação de milho a perder de vista. Depois vemos Peixoto e Davi montados em seus cavalos olhando a plantação. Davi está de barba feita e os cabelos cortados. Seu Peixoto tem o olhar vago, entristecido. Davi nota isso.

DAVI

O senhor está pensando nele, não é mesmo?

PEIXOTO

Já faz tanto tempo... O que será que ele fez da vida?

DAVI

O senhor tem que entender, ele não volta mais.

PEIXOTO

É, eu sei. Mas é muito difícil para um pai aceitar.

Peixoto e Davi voltam a cavalgar.

*Int.: recepção da pensão, entardecer*

Vemos Geraldo por trás do balcão, boquiaberto, olhando alguma coisa por cima dos óculos. Depois então vemos Lola entrando na recepção com uma enorme bolsa de crochê a tiracolo, vestindo um macacão preto colado ao corpo, destacando ainda mais suas generosas curvas.

LOLA

Boa tarde, Seu Geraldo. Eu vim me despedir do Júlio. Posso?

GERALDO

Vê se não demora, Dona Lola, e diz para aquele cabeça-dura que esse é o último ônibus. Se ele não for nesse vai ter que ir a pé.

LOLA

Deixa comigo.

*Int.: quarto da pensão, entardecer*

Vemos Júlio tirando algum dinheiro do saco de pano amarrizado e o colocando no bolso de trás de sua calça jeans. Em cima da cama vemos uma mochila aberta com suas coisas dentro. Ouvimos BATIDAS NA PORTA.

JÚLIO

Um momento.

Ele amarra o saco e o coloca no fundo da mochila, depois a fecha bem e a guarda no armário. Abre a porta.

*Ponto de vista de Júlio*

Ele vê Lola com um sorriso malicioso nos lábios e com uma garrafinha de uísque na mão.

*Ext.: rua do vilarejo, noite*

A lua cheia clareia um pouco a escuridão da noite. Ouvimos o SOM de pessoas conversando agitadas e o agudo rumor de um ônibus. Então vemos pessoas enfileiradas entrando no ônibus e um amontoado de bagagens no chão.

*Int.: quarto da pensão, noite*

Vemos a cama desarrumada e ouvimos o SOM de chuveiro ligado. Silêncio. Júlio aparece de roupão, secando o cabelo com uma pequena toalha.

JÚLIO

Lola? Cadê você?

*Int.: ônibus, noite*

O ônibus está cheio. Então vemos Lola entrar ofegante, agarrada à sua enorme bolsa.

*Int.: quarto da pensão, noite*

Júlio está paralisado, sua expressão denota surpresa e espanto. Vemos a mochila toda aberta com as coisas espalhadas pelo chão.

*Ext.: entrada da pensão, noite*

A lua cheia parece ainda maior. Geraldo está em pé olhando algo.

*Ponto de vista de Geraldo*

Ele vê o ônibus sair do vilarejo, pegar a estrada e sumir na escuridão. De repente, Júlio sai da pensão, sem camisa e fechando a braguilha. Ele está cuspidando fogo.

JÚLIO

Cadê aquela cadela desgraçada?

GERALDO

Ela acabou de pegar o ônibus que o senhor perdeu.

JÚLIO

(*possesso*)

Filha de uma égua.

*Int.: quarto da pensão, noite*

Vemos Júlio sentado na cama, visivelmente desolado. Geraldo está em pé fumando um cigarro.

GERALDO  
(sem jeito)

Eu sei que não é hora de falar nisso, mas o senhor me deve uma semana.

Júlio coloca-se de pé e fuça os bolsos da calça, procurando pelo dinheiro.

JÚLIO  
Desgraçada. Levou tudo.

Ele deixa-se cair sentado na cama, inconformado.

GERALDO  
Eu sinto muito, mas amanhã o senhor vai ter que ir embora.

JÚLIO  
De que jeito? Eu fiquei sem um tostão.

GERALDO  
Eu te arrumo em troca de alguma coisa.

*Ext.: rua do vilarejo, amanhecer*

O sol nascente é a única visão agradável no vilarejo deserto. Vemos Júlio caminhando e quase não o reconhecemos dentro das roupas feitas com pano de saco de farinha. Nos pés, em vez das botas reluzen-

tes, agora simples alpargatas, de couro. Ele olha em volta.

*Ponto de vista de Júlio*

Ele vê algumas janelas e portas fecharem-se à medida que se aproxima. Júlio sente toda a esperança se afastar dele e da humanidade. Ele caminha em direção à estrada.

*Ext.: estrada, dia*

O sol do meio-dia queima sem piedade a terra seca da estrada. Silêncio. O mundo parece parado no tempo. Um vulto de um homem aproxima-se ao longo da estrada até vermos nitidamente Júlio. Ele caminha descalço olhando ao redor.

*Ponto de vista de Júlio*

Ele vê carcaças de animais por toda parte. Lágrimas escorrem pela sua face quando percebe que absolutamente não há escapatória. O SOM de uma caminhonete quebra o silêncio e traz um fio de esperança. Júlio vira-se.

*Ponto de vista de Júlio*

Júlio vê aproximar-se uma caminhonete que lhe parece familiar. Quase sem forças, faz sinais com os braços pra cima.

*Int.: caminhonete, entardecer*

*Plano em movimento*

Júlio, sentado no banco de passageiros, olha para frente.

*Ponto de vista de Júlio através do pára-brisa*

Ele vê o sol pondo-se no céu azul sem nuvens e a estrada a perder-se de vista dentro da paisagem triste da seca. Olha para o lado e vê carcaças de animais espalhadas por todo canto.

Então vemos o Sr. Gabriel, dirigindo com um cigarro no canto da boca.

*Int.: celeiro da fazendinha, dia*

Júlio está dormindo. Acorda e abre os olhos, tenta situar-se no tempo e no espaço. Está deitado sobre um monte de feno num celeiro.

Ouvimos o SOM de crianças rindo. Júlio olha em volta tentando saber onde estão.

*Ext.: celeiro da fazendinha, dia*

Vemos quatro crianças entre três e oito anos, espiando curiosas, pelas frestas do celeiro.

*Int.: celeiro da fazendinha, dia*

Júlio põe-se de pé.

*Ext.: celeiro da fazendinha, dia*

As crianças saem correndo em algazarra. Então vemos um pouco das terras estéreis em consequência da terrível seca.

*Int.: cozinha da fazendinha, dia*

A cozinha é simples, ouvimos o SOM de crianças tagarelando. Então vemos as crianças do celeiro sentadas à mesa. A mãe, LÍDIA, que aparenta uns trinta anos, serve o café da manhã: um pãozinho e uma caneca de leite para cada criança. O pai, LUÍS, de trinta e cinco anos, está de pé ao lado da mesa.

LÍDIA

Você não devia ter aceitado, Luís.

LUÍS

Mas, Lídia, eu não podia negar. Devo muitos favores para o Seu Gabriel.

*Ext.: chiqueiro da fazendinha, dia*

Vemos um chiqueiro com alguns porcos que parecem famintos. Ouvimos o SOM de grunhir. Júlio e Luís estão próximos do chiqueiro.

LUÍS

Você pode dar a lavagem para os porcos. Como não é muito, precisa dividir entre eles, entendeu?

Júlio assente com a cabeça e pega a bacia com a lavagem. Luís sai. Júlio coloca a bacia próximo da porta do chiqueiro. Ajoelha-se. Vemos que dentro da bacia há restos de comida, cascas de frutas e farinha de milho. Júlio faz uma concha com as mãos e a mergulha na lavagem, a traz à tona e fica um tempo olhando para as mãos. Não resiste e eleva as mãos à boca.

*Int.: cozinha da fazendinha, dia*

Lídia mexe algo numa panela sobre o fogão. Subitamente as crianças entram correndo.

CRIANÇA MAIOR

Mãe, o moço está comendo a comida dos porcos!

LÍDIA

Ai! Minha Nossa Senhora! Corre, vai chamar seu pai.

*Ext.: chiqueiro da fazendinha, dia*

Júlio, ainda ajoelhado, parece enlouquecido. Mergulha as mãos na lavagem e as eleva à boca várias vezes, enquanto lágrimas escorrem por sua face. Ele deixa-se cair, entre as ruínas do seu sonho, prostrado no chão.

*Ext.: entrada da fazenda, dia*

Uma nuvem de poeira enche a tela. Vemos a caminhonete de Gabriel partindo nos deixando ver Júlio. Ele está visivelmente sujo, barba e cabelo compridos. Lemos a placa na porteira: FAZENDA DOIS IRMÃOS.

*Ext.: rancho da fazenda, entardecer*

O sol está se pondo. Casais dançam ao SOM alegre de uma sanfona. Uma farta mesa está exposta. Crianças correm de um lado a outro em algazarra. Vemos um bezerro já sem pele estaqueado na brasa e Gema visivelmente feliz, cantarolando enquanto ajeita a mesa.

*Ext.: próximo ao rancho, entardecer*

Davi, montado em seu cavalo, olha surpreso para o rancho. Um senhor de uns cinquenta anos, empregado antigo da fazenda, aproxima-se.

EMPREGADO

Seu Davi, quer que eu leve o cavalo para a cocheira?

DAVI

O que está acontecendo?

EMPREGADO

O seu irmão voltou.

DAVI  
(surpreso)

Júlio voltou?

EMPREGADO

Voltou. E seu pai não se cabe de tanta felicidade. Disse que o menino Júlio nasceu de novo.

Davi está confuso em seus sentimentos, está feliz e ao mesmo tempo enciumado. Dá meia-volta com o cavalo e sai.

*Ext.: divisa da fazenda, entardecer*

O sol acabou de se pôr. Ouvimos o SOM de uma gaita. Vemos Davi sentado na mesma pedra em que Júlio estava no começo da história. Ele toca uma triste melodia em sua gaita.

*Ponto de vista de Davi*

Ele tem o olhar fixo no horizonte. De repente a paisagem fica encoberta por um vulto.

Davi pára de tocar e ergue no olhos. Vê Júlio em pé à sua frente, de roupas limpas, mas ainda com a barba e os cabelos compridos.

Davi levanta-se. Entreolham-se

JÚLIO  
Você me perdoa?

DAVI  
Você não me fez nada.

JÚLIO  
Você está com ciúmes.

DAVI  
Não estou.

JÚLIO  
Está sim.

Intencionalmente provoca Davi, até deixá-lo nervoso.

DAVI  
Não enche, Júlio.

Júlio passa a mão no rosto de Davi para sentir a pele sem a barba. Davi afasta a mão dele com raiva.

DAVI  
Pára. Se não eu te quebro a cara.

JÚLIO  
Agora, sim! Começamos a nos entender.

Golpeia com força o rosto de Davi, que cai no chão. Vemos um fio de sangue escorrer do seu supercílio direito. Davi levanta-se e golpeia Júlio de volta acertando-lhe o nariz. Gotas de sangue descem por

sua barba. Os dois ficam frente a frente, entreolham-se, sorriem. Correm um para o outro, abraçam-se. Olham-se nos olhos novamente.

JÚLIO

Senti tanto a sua falta.

DAVI

E eu mais ainda.

Um forte abraço sela o amor e a amizade entre os dois irmãos.

*FIM*

*Endereço para correspondência:*  
Academia Guarulhense de Letras  
Rua Juiz de Fora, 93 - Centro  
07090-110 - Guarulhos - SP

**JOÃO SCORTECCI EDITORA**  
Caixa Postal 11481 - São Paulo - SP  
CEP 05422-970 - Fax: (011) 815 6996  
Tels.: (011) 210 1179/210 6501

Exausto, o velho sol descamba, aos poucos, bem lá distante, repousando por detrás da montanha que se torna fulva e, pouco a pouco, vai se entenebrecendo com o manto da noite.

Pássaros, aos bandos, retornam em revoada aos galhos das árvores que lhes servem de pouso, depois que acaba o dia.

Cai a tarde no silêncio melancólico da hora mística e, num amortecer de mistério, observa-se o lusco-fusco do crepúsculo que confunde luz e sombras.

Longe, na distância indefinida, um canto solitário quebra o místico silêncio da solidão... um canto na tarde que cai...

***Gasparino José Romão***

(transcrito do livro

*Um canto na tarde que cai...*)